



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

ANDREZA CORDEIRO FIRMINO

**A GANGORRA DA VIDA – ENTRE O TRABALHO E OS ESTUDOS:
ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELOS ESTUDANTES NA CONCILIAÇÃO
DESTES DOIS UNIVERSOS NO CARIRI PARAIBANO**

**SUMÉ - PB
2023**

ANDREZA CORDEIRO FIRMINO

**A GANGORRA DA VIDA – ENTRE O TRABALHO E OS ESTUDOS:
ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELOS ESTUDANTES NA CONCILIAÇÃO
DESTES DOIS UNIVERSOS NO CARIRI PARAIBANO**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais do
Centro de Desenvolvimento Sustentável
do Semiárido da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciada em
Ciências Sociais.**

Orientador: Professor Dr. José Marciano Monteiro.

**SUMÉ - PB
2023**



F525g Firmino, Andreza Cordeiro.

A gangorra da vida - entre o trabalho e os estudos: estratégias utilizadas pelos estudantes na conciliação destes dois universos no Cariri Paraibano. / Andreza Cordeiro Firmino. - 2023.

68 f.

Orientador: Professor Dr. José Marciano Monteiro.
Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Democratização do ensino superior. 2. Desigualdades educacionais. 3. Ensino superior. 4. Cariri Paraibano - educação superior. 5. Trabalho e estudo - conciliação. 6. Estudantes universitários - conciliação trabalho e estudos. I. Monteiro, José Marciano. II Título.

CDU: 378 (043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

ANDREZA CORDEIRO FIRMINO

**A GANGORRA DA VIDA – ENTRE O TRABALHO E OS ESTUDOS:
ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELOS ESTUDANTES NA CONCILIAÇÃO
DESTES DOIS UNIVERSOS NO CARIRI PARAIBANO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA:

**Professor Dr. José Marciano Monteiro.
Orientador – UACIS/CDSA/UFCG**

**Professora Dra. Maria Helena Costa Carvalho de Araújo Lima.
Examinadora Interna – UACIS/CDSA/UFCG**

**Professora Ma. Messias Ramos de Sousa Neves.
Examinador Externo – PPGCS/CDSA/TDEPP**

Trabalho Aprovado em: 16 de fevereiro de 2023.

SUMÉ - PB

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me conceder sabedoria para trilhar estes caminhos que pareciam impossíveis.

A minha mãe e meus irmãos, agradeço pelo apoio no decorrer deste percurso.

Ao meu irmão André Helton, o meu eterno carinho, pois sempre estive comigo sem medir esforços para me ajudar, entre lágrimas e sorrisos estávamos lado a lado.

A minha segunda mãe, minha tia Roseane, que me mostrou a universidade, agradeço por pegar na minha mão e sonhar junto comigo a concretização deste sonho.

Aos meus avós, seu “Chico Luiz” e “Dona Lúcia”, por serem nossas bases em todos os momentos, com todo carinho e aconchego que só vocês nos proporcionam.

Ao nosso segundo pai e amigo, Normando Pereira (in memóriam) que foi um companheiro e se fez presente em momentos de provação.

Aos meus colegas de turma e de vida, com quem venho partilhando momentos ímpares especialmente, Adílio, Aucilene, Ana Suélen, Beatriz, Natan, Ana Carolina, Izabele, Andreza Dario e Rykarya, pelos momentos de apoio e conhecimentos partilhados durante a trajetória acadêmica.

Ao PIBID Sociologia/Sumé e ao Residência Pedagógica. Aos colegas que, além das ricas experiências, partilharam momentos de aprendizagem.

Agradeço imensamente a todos os professores (as) que contribuíram para minha formação acadêmica, pelos ensinamentos, “puxões de orelha”, carinho e zelo.

Especialmente ao meu orientador José Marciano Monteiro, pela dedicação, empatia, orientação e amizade, por acreditar em mim. Suas contribuições e incentivo foram fundamentais para concretização deste ciclo. A Lena por sua maestria ao nos ensinar, pelos incentivos que sempre recebi. A Wallace por sua parceria de sempre, por se fazer presente nos projetos acadêmicos.

Agradeço a todos os estudantes que participaram desta pesquisa com valorosas contribuições para construção deste trabalho.

Agradeço, enfim, este momento a todos (as) aqueles que passaram por momentos de dificuldade, situações de incerteza ou se sentiram incapazes e, mesmo assim, continuaram a percorrer estes caminhos e foram além das imposições sociais, transformando cada negativa neste percurso em força e esperança em dias melhores.

Agradeço a todos que contribuíram de forma direta ou indireta, não foi fácil, mas apesar das dificuldades é possível.

“É preciso saber se equilibrar na corda bamba da vida, entre frustrações e satisfações. Como um equilibrista, é preciso leveza”

Herbet Nunes

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar a relação entre as estratégias de trabalho e estudos desenvolvidas pelos estudantes universitários do CDSA/UFCG, especificamente nos cursos de Ciências Sociais e Gestão Pública. Como objetivos específicos, busca-se, também, identificar as dificuldades de conciliar estes dois universos, bem como analisar os possíveis impactos das condições de trabalho e subordinação que os estudantes se submetem, para alcançar as aspirações futuras, ao conciliar trabalho e atividades curriculares. Para tal feito, foram aplicados questionários e entrevistas, no intuito de identificar e esboçar os perfis sociais desses estudantes, com ênfase nas estratégias utilizadas e suas consequências. Os resultados apontaram que estes sujeitos, mesmo através das organizações sociais/temporais e o auxílio familiar, apresentam dificuldades em conciliar o universo do trabalho com o universo dos estudos, uma vez que, o desenvolvimento de ambas as atividades gera consequências negativas em aspectos físicos e o rendimento mediante a instituição. Apesar disto, insistem na conciliação em ambas as atividades, devido a necessidade do trabalho como um auxílio financeiro essencial para sua subsistência e dos estudos visando melhores condições de trabalho através do processo formativo no ensino superior.

Palavras-chaves: Democratização do ensino; ensino superior; desigualdades Educacionais.

FIRMINO, Andreza Cordeiro. **The seats of life between work and studies:** strategies used by students in reconciling these two universes in the Paraíba cariri, UFCG, 2023. 63p. (Completion of course work in Licentiate in Social Sciences). (Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia), Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande, Sumé – Paraíba – Brasil, 2023.

ABSTRACT

The present work aims to analyzing the relationship between the work and studies strategies developed by university students of the CDSA/UFCG, specifically in the Social Sciences and Public Management courses. As specific objectives, it is also sought to identify the difficulties of reconciling these two universes, as well as to analyze the possible negative impacts about working conditions and subordination that the students are submitted, to reach the future aspirations, when reconciling work and curricular activities. For this purpose, tests and interviews were applied in order to identify and outline the social profiles of these students, with emphasis on the strategies used and their consequences. The results showed that these subjects, even through social/temporal organizations and family support, present difficulties in reconciling the universe of work with the universe of studies, since the development of both activities result in negative consequences in physical aspects and academic achievements. Despite this, they insists on reconciling both activities, due to the need for work as an essential financial aid for their livelihood and studies aimed at better working conditions through training process in higher education.

Keywords: Democratization of education; university Education; study; educational inequalities.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Estudantes que participaram da pesquisa.....	29
Gráfico 2 -	Escolaridade do pai.....	33
Gráfico 3 -	Escolaridade da mãe.....	34
Gráfico 4 -	Você trabalha para se manter ou para ajudar nas despesas familiares?.....	36
Gráfico 5 -	Renda familiar.....	37
Gráfico 6 -	Você tem carteira assinada?.....	39
Gráfico 7 -	Você faz hora extra?.....	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CDSA - Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido.

CLT - Consolidação das Leis do Trabalho.

FIES - Fundo de Financiamento Estudantil.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

IES - Instituições de Ensino Superior.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa.

MEC - Ministério da Educação

P&D - Pesquisa e Desenvolvimento

PDE - Plano de Desenvolvimento da Educação

PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

PROIES - Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento das Instituições de Ensino Superior

PROUNI - Programa Universidade para Todos.

PT - Partido dos Trabalhadores.

REUNI - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

RP - Programa Residência Pedagógica

SB - Síndrome de Burnout

TDAH - Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade

TPL - Transtorno de Personalidade

UEPB - Universidade Estadual da Paraíba

UFCG - Universidade Federal de Campina Grande.

UVA - Universidade do Vale do Acaraú

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
1.1	UM POUCO DE HISTÓRIA DE VIDA.....	10
1.2	OS CAMINHOS TRILHADOS.....	14
1.3	O LOCAL DA PESQUISA.....	15
1.4	SITUANDO AS ESCOLHAS E A MOTIVAÇÃO DA PESQUISA DIANTE DOS CONDICIONANTES SOCIAIS.....	17
2	BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE O TRABALHO	19
2.1	O TRABALHO NA ATUALIDADE.....	20
2.2	O TRABALHO COMO UM CONSTRUTOR DE IDENTIDADES.....	22
2.3	ENSINO SUPERIOR NO BRASIL.....	23
2.4	EXPANSÃO DO ENSINO SUPERIOR NOS GOVERNOS DO PT.....	25
3	A GANGORRA DA VIDA: ENTRE O TRABALHO E OS ESTUDOS.....	27
3.1	O USO DA ENTREVISTA E O UNIVERSO DA PESQUISA ANALISADO...	27
3.2	PERFIL SOCIOECONÔMICO, TRAJETÓRIA E OCUPAÇÃO DOS ENTREVISTADOS.....	28
3.3	O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR E ORIGENS SOCIAIS.....	42
3.4	ESTRATÉGIAS ENTRE ESTES DOIS UNIVERSOS.....	47
3.4.1	Estratégias desenvolvidas para conciliar estudos e trabalho.....	47
4	CONSIDERAÇÕES.....	53
	REFERÊNCIAS.....	56
	APÊNDICE.....	61

1 INTRODUÇÃO

1.1 UM POUCO DE HISTÓRIA DE VIDA...

O meu contato com o trabalho começou muito cedo. A responsabilidade atribuída em cuidar dos meus irmãos mais novos, muitas vezes me significou sacrificar as brincadeiras de infância para cuidar deles, enquanto meus pais trabalhavam em busca do nosso sustento. Sendo natural da zona rural, em meados dos anos 2000, a única escola nas proximidades era um pequeno espaço com duas salas e um pátio com professores sem formação acadêmica adequada. Neste mesmo local, estudavam todas as crianças da comunidade do ensino fundamental. As turmas eram misturadas, sendo divididas por fileiras, a timidez, ou até mesmo a vergonha, em perguntar ao professor me prejudicava, sendo submetida aos castigos da época como a palmatória. Estas condições afetariam o meu processo de aprendizagem.

Aqueles que conseguiam dar continuidade aos estudos, a partir do ensino fundamental, se deslocavam até a cidade nos chamados pau de arara. No meu caso específico, meus pais, visando melhores condições de vida, foram morar na cidade. Ao iniciar os estudos, na nova escola, a professora da época conversou com meus pais para que repetisse a 1^o série, pois não estava alfabetizada. Tia Gildete Messias, como carinhosamente me recordo até hoje, com toda paciência e carinho me ensinou a ler e a escrever.

Antes de terminar os estudos, por dificuldades financeiras, iniciei uma dupla jornada já no ensino médio, conciliando trabalho com os estudos. Por vezes, alguns bicos com a venda de verduras de porta em porta ou com reciclagem e, posteriormente, através de indicações dos próprios colegas de escola, comecei com as faxinas. Ao fim deste ciclo, consegui concluir o ensino médio com muitas dificuldades, já que o serviço doméstico se intensificou nesse período devido às dificuldades financeiras da minha família. Por influência da minha tia, que hoje é formada em Letras pela UEPB, servindo-me de inspiração, decidi ingressar na universidade.

Na geração da minha família, sou a segunda a ingressar em uma Universidade Pública, sendo minha tia, a primeira. Consegui terminar o ensino médio, porém, por falta de informação e necessidade, na época, perdi a prova do Enem. Nesse processo, cursei o pré-vestibular na cidade de Serra Branca; por muitas vezes dormia na aula, pois não aguentava o cansaço físico gerado pelas atividades no decorrer do dia. O desejo de minha mãe era nos ver trabalhando, honestamente, em qualquer atividade; ao seu ver, universidade era coisa de gente rica e ela não teria condições de nos manter em uma.

Após concluir o ensino médio, em 2015, fiquei quase dois anos sem focar nos estudos, pois minha preocupação era a estabilidade financeira da minha família. Queria trabalhar e depois pensar nos estudos. Da forma mais cansativa e difícil, percebi que a interrupção dos meus estudos naquele momento não me traria a estabilidade almejada. Em 2016, fiz a prova do Enem e, por influência da minha professora do ensino médio, Kátia Carina,¹ escolhi Ciências Sociais como primeira opção de curso. Tal escolha pode ser explicada em dois momentos: o primeiro deles era a forma como Kátia ministrava suas aulas no ensino médio, os exemplos do cotidiano prendiam a nossa atenção nas aulas; o segundo momento: o resultado de uma nota baixa no 1º ano do ensino médio, com a escrita de um “simples” texto, na época me rendeu o sentimento de incapacidade e o desafio tomaram conta de mim que, até então, era uma aluna dentro da média; a partir deste episódio, comecei a me dedicar firmemente as aulas de Sociologia e as notas melhorarem substantivamente.

Em 2017, ingressei no ensino superior no campus do CDSA, em Sumé. Por estar situado no Cariri, próximo do município em que resido, escolhi realizar o curso superior em Ciências Sociais. Recém chegada neste novo universo, uma das minhas primeiras preocupações era como me adaptar às rotinas de estudos e a cargas de leitura que, até então, não fazia parte da minha rotina; principalmente, após passar quase dois anos “parada” nos estudos. No decorrer deste processo, fui estabelecendo laços de amizade com os colegas de turma; que foram de suma importância para me habituar naquele espaço. Com algumas coisas consideradas simples, como o uso do controle acadêmico (com a conferência das notas, frequência e etc), a formatação de documentos para entrega das atividades requisitadas pelos docentes, entre outros fatores que passaram a fazer parte do meu cotidiano, fui aos poucos, aprendendo com este novo universo.

Como já relatei anteriormente, era uma estudante dentro da média, mas não tinha o hábito de sentar para estudar ou uma rotina de leitura, principalmente no ensino médio, em que dividia entre a escola e o trabalho. Senti o impacto, desta lacuna já no primeiro semestre do curso. A linguagem utilizada pelos professores, entender as ideias centrais dos textos propostos, a construção do habitus de leitura², diante de uma linguagem técnica, tudo isto se tornou um desafio. Em vários momentos, pensei em desistir. O medo de não dar conta e ficar para trás eram inevitáveis; temia falhar com as expectativas depositadas, em mim, por pessoas que

¹ Professora da Escola Cidadã Integral Técnica Inácio Antonino.

² “Sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente “reguladas” e “regulares” sem em nada ser o produto da obediência a algumas das regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro.”(MONTEIRO, 2018, p. 59-60)

estavam me incentivando neste percurso. Continuei sabendo que, na sociedade em que vivemos, o processo é árduo para aqueles que advém das classes populares. E, mais ainda, para aqueles que não possuem formação superior, a situação é bem mais difícil.

Através dos laços de amizade que firmei na universidade, no segundo período, tomei conhecimento das bolsas estudantis, na época em questão o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Devido à avaliação baixa da minha carta escrita, que justificava a solicitação da bolsa, não consegui, e isso foi motivo de desespero; pois contava com o respectivo auxílio para custear com algumas despesas, como a mensalidade do ônibus³, as xerox dos textos que eram solicitados pelos professores, e até a minha alimentação. Como trabalhava com faxinas, a jornada de trabalho era intensa, geralmente largava às 17:00h e o transporte saía às 18:00h. Raramente conseguia jantar antes de sair de casa.

Entretanto, fiz dessa dificuldade um meio para vender doces na universidade. Nesta mesma época, as faxinas e encomendas⁴ diminuíram onde trabalhava e, conseqüentemente, o que ganhava também, basicamente era por produção. Quando a semana não era considerada boa, geralmente as faxinas ficavam para a próxima semana, ou outro dia que houvesse uma festa.

Aos poucos, as vendas, que eram apenas no meu círculo de amizades, se tornaram conhecidas e permitia a venda para além deste círculo no espaço do campus. No decorrer deste percurso, em sala de aula, fui melhorando a questão da comunicação como exemplo, me comunicar publicamente. Com isto, fui perdendo o medo de perguntar/questionar, resultante, também, das estratégias pedagógicas utilizadas ao decorrer deste período. Assim, fui traçando estratégias para amenizar os problemas relacionados com as dificuldades da leitura, como grupos de estudos, fichamento de textos e vídeoaulas.

Seguir à risca este cronograma também foi um dos obstáculos neste percurso, pois quem vive do trabalho informal sabe dos seus altos e baixos; hoje você pode vender bem, amanhã suas vendas não cobrem nem o material que você gastou na produção daquele dia. Com isto em mente, comecei a vender doces e salgados nas portas das escolas do município de Serra Branca, onde resido, para complementar a renda, por todo esse tempo, morei apenas com meus irmãos, e fui a provedora da casa, um dos meus irmãos, que também trabalha informalmente, me auxiliava nas despesas, mas o principal sempre foi comigo.

³ Mesmo com o transporte sendo pela prefeitura, tínhamos que pagar uma gratificação ao motorista

⁴ Nesta mesma residência onde realizava as faxinas, se produzia doces e salgados para festas, como exercia as duas funções, com o tempo aprendi a fazer doces e salgados.

Em 2018, participei do processo seletivo para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) que foi fundamental para minha formação acadêmica. A partir desta experiência, desconstruí medos e firmei a minha decisão em continuar percorrendo os caminhos da docência, o planejamento das aulas, a execução e a vivência em sala de aula, atividades que foram fundamentais à minha formação.

Em um contexto que jamais imaginamos vivenciar, em 2020, em plena pandemia e de forma remota, agreguei outra experiência ímpar ao meu currículo acadêmico; participei do Programa Residência Pedagógica (RP). Mediante esta experiência de aprendizados/desafios, conheci o outro lado da docência, de reinventar diante de situações novas e se adequar ao contexto. Partilhar estas experiências com professores formados na área foi fundamental e agradeço imensamente ao orientador e coordenador José Marciano nos respectivos programas, às professoras supervisoras Miriam⁵ no Pibid e a Aracele⁶ na Residência Pedagógica, no qual tive o prazer de conviver nos relativos períodos.

Em alguns momentos da graduação, principalmente nos últimos períodos, parei para refletir sobre os desafios e aprendizados no decorrer deste percurso, e como outros colegas de turma em situações similares desistiram da graduação por não conseguir conciliar estes dois universos. Foi a partir dessa e de outras indagações que surgiu o interesse pelo meu objeto de pesquisa; quais são as estratégias que estes estudantes utilizam para conciliar estes dois universos?

O presente trabalho está estruturado em três capítulos: na introdução pretende-se apresentar a minha trajetória e os obstáculos/aprendizados durante o percurso na universidade, a problemática da pesquisa, seguida dos objetivos e procedimentos metodológicos. O capítulo I traz as abordagens teóricas referentes à temática pesquisada, e no capítulo II iremos descrever o perfil do público pesquisado e analisar os resultados da pesquisa.

Esta pesquisa, é resultado de reflexões sobre a minha trajetória e, por conseguinte, a trajetória de pessoas, seres humanos, que se dividem entre o trabalho e os estudos. É um estudo sobre indivíduos que nasceram sem privilégios, mas que lutam por superar condições adversas impostas pelas condições sociais e econômicas.

⁵ Atualmente ocupa o cargo de Professor Efetivo de Educação Básica 3, Classe C, das disciplinas de Filosofia e Sociologia com lotação na Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Estado da Paraíba - E.C.I.E. JOSÉ LEITE DE SOUZA, MONTEIRO / PB; - Supervisiona o PIBID de Ciências Sociais (2018-2020) pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Campus Sumé / PB

⁶ Mestre pelo Curso de Mestrado Profissional em Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) /Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA), 2020.

1.2 OS CAMINHOS TRILHADOS

Em um primeiro momento, o tema da pesquisa seria: "*Acesso e permanência das empregadas domésticas no ensino superior*". Porém, após uma pesquisa exploratória, constatou-se, junto aos cursos de Ciências Sociais e Gestão Pública, que além de mim, apenas uma estudante exercia serviços domésticos, enquanto estava no ensino superior. Desta forma, reformulamos o objeto de pesquisa e optamos por expandi-lo. O universo a ser pesquisado, passou, portanto, a ser "*estudantes que estudam à noite e realizam trabalho remunerado*", e não somente o trabalho doméstico.

Assim, esta pesquisa tem a seguinte metodologia: 1) Realizar levantamento, junto aos coordenadores de curso analisados, dos estudantes que estão no turno noturno e que exercem atividades laborais, dividindo, portanto, seu tempo entre os estudos e o trabalho; 2) Aplicar questionário e entrevistas junto a estes estudantes; 3) Descrever o perfil socioeconômico dos estudantes entrevistados; 4) Identificar as principais dificuldades encontradas pelos estudantes, no percurso formativo, diante da necessidade de conciliar estudo e trabalho; 5) Explicitar subsídios que irão ajudar os professores entender melhor o contexto destes estudantes universitários que trabalham.

Em termos metodológicos, optou-se pela pesquisa quali-quantitativa. Para tal feito, realizaram-se entrevistas, aplicação de questionários abertos e fechados, uso da estatística descritiva, além da revisão da literatura acerca do tema/objeto analisado. A pesquisa foi realizada no campus do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA), localizado no município de Sumé, no Cariri Paraibano, com estudantes dos cursos de Ciências Sociais e Gestão Pública⁷ do período noturno.

Inicialmente, foi realizado um levantamento de dados no universo de estudantes ativos nos cursos de Ciências Sociais e Gestão Pública. De acordo com os coordenadores dos respectivos cursos: o curso de Ciências Sociais tem 154 alunos matriculados e Gestão Pública tem 129 alunos.

Feito este levantamento, através da ferramenta *Whatsapp*, os alunos foram contactados. Em seguida, procurou-se identificar quantos dos matriculados estavam frequentando as aulas e quantos realizavam trabalhos extracurriculares. Após as informações concedidas, foi constatado que, no Curso de Ciências Sociais, 95 alunos estavam ativos; e no curso de Gestão Pública,

⁷ O curso de Educação do Campo não foi incluído na pesquisa porque optamos por estudantes que trabalhavam nos cursos noturnos.

eram 71. Posteriormente, após os dados obtidos e em conversas informais, com alguns alunos, expliquei o motivo da pesquisa e a necessidade do levantamento de dados para saber quantos alunos conciliam o trabalho com os estudos. Para isto, foi encaminhado um formulário, através do grupo de WhatsApp, para os respectivos cursos e encaminhado para as turmas, com o intuito de obter informações iniciais, tais como: Nome do aluno; Curso; Trabalho/Ocupação e por qual motivo estava trabalhando no momento.

Algumas dificuldades foram encontradas na aplicação dos questionários e das entrevistas. Primeiro obtivemos um baixo número de respostas. Daí, como estratégia, para superar tal dificuldade, entrou-se em contato com mais estudantes e, através das redes de amizade, foi solicitado, a permissão para que fossem repassados os contatos de alunos que trabalhavam nas respectivas turmas. Feito isso, estabelecemos o contato com cada um e explicou-se o motivo da pesquisa, e perguntou-se se teriam disponibilidade para responder ao questionário. Ao total, obtivemos 46⁸ respostas dos dois cursos. É sobre este universo amostral que esta pesquisa aprofunda questões que envolvem: relação entre estudante e atividade laboral; sociologia da educação e sociologia do trabalho.

Através da abordagem qualitativa foi possível identificar possibilidades para se realizar a pesquisa, como a documental, os estudos de caso e a etnografia, tendo como base as referências bibliográficas foram possíveis encontrar conceitos e teorias para explicar os fatos descritos.

Esta pesquisa fundamenta-se em contribuições práticas e teóricas. Apresenta relações práticas e propõe mensurar o quanto o trabalho remunerado influencia na vida acadêmica de alunos oriundos das classes populares. Com a identificação desta relação entre trabalho e estudos, pretende-se contribuir, com esta investigação, para que as instituições de ensino superior possam desenvolver estratégias de ensino, pesquisa e extensão que leve em consideração a realidade objetiva dos alunos. Em outras palavras, construir estratégias de ensino que atenda melhor os estudantes que precisam conciliar esses dois universos.

1.3 O LOCAL DA PESQUISA

Os investimentos no ensino superior ocorreram em uma maior proporção nos anos 2000, mediante a procura por vagas e pressões populares. Martins (2002) ressalta os resultados desta

⁸ Foram 48 respostas no levantamento inicial sobre os alunos que estavam trabalhando no momento da pesquisa, mediante a estes números 18 alunos aceitaram participar das entrevistas.

expansão com a chegada dos campi no interior dos estados possibilitando o ingresso de jovens no ensino superior.

Em 2003, efetiva-se mais uma das fases de ampliação na rede de educação superior com a interiorização do câmpus das universidades federais. Através dos dados, neste mesmo período, em 114 municípios situados no mapa desta expansão, houve um aumento de 237, até o final de 2011, além dos mais de 100 novos câmpus. Entre eles está o CDSA, que possibilitou a ampliação de vagas e a criação de novos cursos de graduação. (BRASIL, 2007)

O CDSA está localizado no município de Sumé no cariri paraibano. A cidade está situada na microrregião do Cariri Ocidental paraibano e na macrorregião do Semiárido brasileiro. Esta é uma área que abrange a maior parte do nordeste brasileiro, chegando ao norte de Minas Gerais. De acordo com o Censo 2010, o município possui uma população de 17.096 habitantes e um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,627⁹.

De acordo com o site da instituição, no CDSA¹⁰ as suas atividades foram iniciadas em setembro de 2009, com o primeiro seminário integrador. Além de possibilitar o ingresso e formação de jovens em nível superior, a inserção da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) no cariri paraibano contribui para o desenvolvimento sustentável do semiárido com novas perspectivas econômicas, produtivas e educacionais.

A universidade mais perto de casa possibilita aos filhos das classes menos favorecidas sonhar com um futuro melhor, transformando profissionalmente e intelectualmente a realidade destes indivíduos.

O CDSA oferece os seguintes cursos

- Engenharia de Biosistemas
- Engenharia de Biotecnologia e Bioprocessos
- Engenharia de Produção
- Licenciatura em Educação do Campo
- Licenciatura em Ciências Sociais
- Superior de Tecnologia em Agroecologia
- Superior de Tecnologia em Gestão Pública

E, pós-graduação.

⁹ Para mais detalhes da história do município acesse: <https://www.sume.pb.gov.br/historia/>

¹⁰ Para mais informações da Instituição acesse: <https://www.cdsa.ufcg.edu.br/index.php/cursos-de-pos-graduacao>

- Mestrado Profissional em Gestão e Regulação de Recursos Hídricos-PROFÁGUA
- Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO
- Especialização em Ensino de Ciências da Natureza e Matemática para a Convivência com o Semiárido

1.4 SITUANDO AS ESCOLHAS E A MOTIVAÇÃO DA PESQUISA DIANTE DOS CONDICIONANTES SOCIAIS

A necessidade de exercer a atividade laboral e conciliar com os estudos podem surgir de diversas maneiras. Esta conciliação do trabalhador estudante com estes dois universos pode afetar o seu desenvolvimento acadêmico. Corbucci (2007), destaca características que permeiam o ensino superior e o desenvolvimento acadêmico dos estudantes, ao analisar os números de patentes obtidas por brasileiros no exterior, revelando os lapsos nos investimentos em Pesquisa e Desenvolvimento no Brasil. Avaliar o desempenho do estudante é um conceito chave para saber se a instituição está alcançando os seus objetivos.

O desempenho do estudante, para tanto, deve ser compreendido levando em consideração a relação ou não do estudante com o mundo do trabalho. O valor do trabalho para as sociedades contemporâneas tem um significado importante. Compreender os sentidos que a atividade laboral expressa é um desafio, tendo em vista as múltiplas transformações ocorridas no mundo trabalho. É importante ressaltar o significado do trabalho nas sociedades ocidentais e não ocidentais, tendo em vista que o significado para ambas é diferente.

Ferreira (2011 apud Clastres, 1977), por exemplo, em pesquisa com sociedades nômades no Paraguai, a *Cronica dos Indios Guayaki*, realizado em 1963, percebeu que o trabalho estava à margem do Estado, e tinha como única finalidade suprir as necessidades do grupo onde todos participavam em conjunto. Estes tipos de atividades refletem as diferentes concepções existentes a exemplo das nossas percepções que são ensinadas desde o nascimento acerca do trabalho, que no Brasil se relacionam ao universo simbólico e material dos salários, das férias, do descanso, das horas delimitadas e etc.

Tratar deste tema na Sociologia do trabalho requer entender outros aspectos, como as relações de trabalho que são estabelecidas, quem são os trabalhadores, qual o ambiente em que estão inseridos e como se constituem as relações entre os mesmos. Mediante esta amplitude, Morin (2001) ressalta os sentidos do trabalho na sociedade, em decorrência destas transformações, analisando como milhares de pessoas sofrem pela falta de uma vaga de

emprego e outras sofrem por ter que trabalhar excessivamente. Esta pesquisa, para tanto, tem como objetivo pensar a trajetória de estudantes universitários que conciliam o trabalho com os estudos, identificando de que maneira os estudantes lidam com a rotina de trabalho e as responsabilidades como discentes. A pesquisa está delimitada em torno de uma amostra de graduandos nos cursos noturnos no CDSA-UFCG: Ciências Sociais e Gestão Pública.

A escolha de tais cursos deve-se ao fato de serem os cursos que estão regulamentados no turno noturno. A pesquisa visa, assim, além de pensar o acesso ao ensino superior, compreender as estratégias utilizadas pelos estudantes universitários para conciliar a (s) jornada (s) de trabalho com as atividades acadêmicas. Para ilustrar este percurso e os motivos que influenciaram na escolha desta temática, valho-me da minha história de vida, minha trajetória acadêmica e de uma reflexão sobre os obstáculos enfrentados durante este percurso.

O referencial teórico embasou conceitualmente na discussão dos resultados encontrados na pesquisa. Neste contexto, os temas que norteiam a pesquisa e fundamentam os resultados que são abordados no referencial teórico são: (i) o contexto do trabalho na atualidade; (ii) evolução do ensino superior no Brasil; (iii) as estratégias construídas pelos estudantes para conciliar o universo do trabalho com o universo dos estudos.

Neste capítulo serão apresentados brevemente o contexto histórico sobre o trabalho em dois momentos distintos, as suas concepções durante a antiguidade e na atualidade, tendo em vista que estas relações sobre trabalho são inerentes às construções históricas, políticas e sociais, ou seja, as manifestações produtivas vão mudando ao longo do tempo.

2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE O TRABALHO

Nas sociedades clássicas, especificamente na Grécia e em Roma, o trabalho era compreendido como perda da liberdade. Neste contexto, o cidadão romano e grego valoriza mais a atuação política, ética e arte, já o trabalho braçal era designado apenas aos escravos.

Na bíblia, o trabalho está ligado à noção de punição: "Comerás o pão com o suor do teu rosto" (Gn. 3, 19), em sua definição, o trabalho deriva de uma obrigação, dever e responsabilidade. Na Roma antiga, trabalho advém de *tripalium*, um objeto de tortura, no qual apenas os escravos, que não eram reconhecidos como pessoas, mas, como instrumentos que realizavam as atividades consideradas braçais. (WOLECK, 2002)

Vejamos que, neste período histórico, o trabalho por ser considerado servil e humilhante, não eram designados aos homens livres. A realização de trabalho na antiguidade definia a posição social, reforçando a hierarquia entre os indivíduos.

“Na Antiguidade, um homem livre podia cansar-se em certas circunstâncias e, ainda assim, obter satisfação da situação. Era rejeitada não a atividade em si ou o trabalho manual, mas a submissão do homem a outro homem ou a uma "profissão" (KURZ 1997, p. 3 *apud* WOLECK, 2002 p. 4).

Posteriormente, no período feudal, na idade média, no qual temos a agricultura como sobrevivência, a questão da escravidão já é quase inexistente, prevalece o conceito de servidão, que se caracteriza através da ação do indivíduo preso às suas responsabilidades sobre as terras, com um grande índice de produção, em troca de insumos.

A partir destes três momentos, citados anteriormente, percebe-se como a questão do trabalho é central nos diferentes modos de produção para se compreender as relações sociais e a forma que as sociedades se organizaram. O trabalho, nestes períodos históricos, ainda não assumiu o sentido de libertação ou mesmo salvação. (WOLECK, 2002)

Ao fim da idade moderna, surgem mudanças significativas, como a revolução agrícola, o surgimento das cidades e a sociedade patriarcal, na qual a partir das convicções estabelecidas há uma valorização do trabalho. Em certo sentido e imbuídos pelo espírito do capitalismo e do progresso, o Calvinismo assimila e compreende em seu ethos religioso-cultural o trabalho como fonte de riqueza. Para a doutrina calvinista, o trabalho era visto como vocação atribuída por Deus. Esta nova ética religiosa indicava como as pessoas deviam se organizar espiritualmente para trabalhar cada vez melhor, demonstrando, assim, a forte influência destas ideias no desenvolvimento das sociedades ocidentais.

Gomes e Magalhaes (2018) ressaltam as fortes influências nos aspectos e organizações do trabalho a partir desta nova fé, onde aqueles indivíduos escolhidos já têm seus destinos predestinados para sua salvação, por motivos desconhecidos ao homem, a exemplo do predomínio das atividades inovadoras entre os protestantes no trabalho e no comércio.

As boas práticas se pautam, então, no interesse de garantir uma organização racional do meio social. O empenho no trabalho era um modo de dissipar as dúvidas quanto à salvação levando a certeza sobre tal, pois o sucesso no trabalho poderia ser um sinal da eleição. (GOMES E MAGALHAES, 2018, p. 83)

No capitalismo moderno é muito mais complexo, surgem novas formas de organização do mundo do trabalho: 1) o **taylorismo** - caracterizado pela divisão do trabalho; controle de tempo; atividades repetitivas; e mão de obra especializada; 2) **fordismo** com jornadas de trabalho específicas; salários sob base de produtividade; trabalho repetitivo e alienado; esteira de montagem; e o estoque de produção; 3) **toyotismo** com o uso de tecnologias; jornadas flexíveis; produção de acordo com a demanda; e o aumento do desemprego estrutural. (MACHADO, 2016)

2.1 O TRABALHO NA ATUALIDADE

Analisar o contexto destas relações do trabalho na atualidade requer observar algumas conjunturas, tendo em vista que o mundo contemporâneo passa por processos que geram modificações e o trabalho vem assumindo múltiplos sentidos. Estamos diante de um período mais fluido, rápido e conectado diante das grandes transformações pelas quais passa o mundo.

Estas transformações têm impactado as sociedades. As transformações sociais e econômicas alteram valores, normas e comportamentos no decorrer da história. A base destas transições ocorre no mundo material e nas mentalidades. A aceleração tecnológica, o aumento de competitividade entre os indivíduos, intensificação da globalização e uma sociedade de consumidores cada vez mais exigentes têm contribuído para novas morfologias do trabalho.

Concolato, Rodrigues e Oltramari (2017) ressaltam que é a partir destes fatores que percebemos a diferença nas percepções de trabalho no mundo contemporâneo e em outras épocas passadas. Entender o trabalho requer analisar os processos históricos políticos, sociais e econômicos, e como estes vão interferir nas gerações seguintes. O contexto do trabalho na atualidade se apresenta sob diferentes manifestações, diferente das atividades nos séculos XIX e XX, que eram praticamente de forma exclusiva nas fábricas e atualmente assumem outras

modalidades. Um exemplo, são as atividades que podem ser feitas no âmbito do lar, contratos temporários, terceirizados, no ciberespaço, dentre outros exemplos.

Neste contexto atual, percebemos as diferentes dinâmicas nas relações de trabalho, que, mesmo acarretados por processos de mudanças, no decorrer do tempo, carregam consigo os processos de industrialização anteriores e os impactos do fordismo e do taylorismo. O trabalho *home office* é diferente das atividades direcionadas aos serviços que podem ser realizados remotamente. Esta nova modalidade está distante do modelo tradicional, no qual o indivíduo se dirigia até a empresa para o cumprimento de horas determinadas. Longe disso, o espaço do lar se torna espaço de trabalho.

De acordo com Luce (2012) estas novas atividades que, por um lado, quebram os paradigmas do trabalho formal regido por regras, mas que, por outro lado geram consequências, tendo em vista que não há uma separação entre ambientes de trabalho e lazer, têm produzido impactos sociais e psicológicos naqueles que as exercem. As modificações nas formas de trabalho acontecem de acordo com as demandas do mercado, as (re)organizações nas formas e modalidades de produção gerando novas formas de flexibilização.

As novas formas de flexibilização na atualidade chamam a atenção para o que Luce (2012) denomina de um exército industrial de reserva, ou, em outras palavras, o surgimento de uma lumpemproletarização. Uma classe social composta por indivíduos marginalizados nas esferas do trabalho, que estão à margem, na pobreza extrema, e que, de certa forma, estão ligados aos laços da informalidade. Exemplo deste fato, são os crescentes números de trabalhadores informais e de trabalhadores ambulantes.

Abílio (2014) em sua pesquisa, sobre o exército de revendedoras de cosméticos, refere-se a elementos centrais para compreendermos o trabalho na atualidade mediante a quesitos que andam juntos: a modernização e a precarização. Problematizando como as transformações nas últimas décadas configuram as explorações do trabalho e as novas formas de desregulação.

Trabalhos considerados desvalorizados ou até não reconhecidos como tal ganham espaço e, para este contingente, tem se tornado o principal meio de sobrevivência. Se constitui a nova informalidade urbana marcada pelas precárias condições de trabalho, juntamente com a negação de princípios básicos e as desigualdades sociais. A informalidade torna-se um problema estrutural, pois ao mesmo tempo que se desvela como sobrevivência daqueles que não conseguem espaço em trabalhos formalizados, em outro viés mostram a reprodução da pobreza. (ABÍLIO, 2014)

Em tempos atuais, caracterizados pela globalização, os indivíduos necessitam, cada vez mais, se adaptarem às diferentes ondas de mudanças no mercado de trabalho. Isto remete-se a

frases que ouvimos constantemente "Você precisa seguir o ritmo do trabalho ou está fora", construindo-se, assim, no ambiente de trabalho, um discurso contraditório, em que, por um lado, prega-se a questão do trabalho em equipe, e, por outro, na prática, estimula-se a competição entre os indivíduos.

Estas mudanças no mundo trabalho, de forma simplificada, são resultados de substantivas transformações nas últimas décadas. Modificaram o ambiente destas atividades, suas formas de organizações, as relações entre os indivíduos, além das precarizações das condições de trabalho. Revendo os significados do trabalho, entendemos que se trata de caráter plural, são processos que se alteram e relacionam consideravelmente, ou seja, atividades remuneradas não são apenas um meio de resolver as satisfações para as necessidades básicas. Dubar (2020) apresenta outras faces dos sentidos do trabalho no que se refere a construção das identidades através do mesmo.

2.2 O TRABALHO COMO UM CONSTRUTOR DE IDENTIDADES

O local de trabalho que estamos inseridos é um importante agente de socialização secundário. Após a escola e a família, o trabalho modela nossos comportamentos e atitudes que, por sua vez, contribuem para a construção de uma identidade profissional. As atividades que exercemos conservam um lugar importante na sociedade, não é só "ganhar dinheiro", pois através do nosso ofício nos relacionamos com outras pessoas despertando o sentimento de vínculo com outros grupos, "ter o que fazer", buscar um objetivo de vida, construir nossa identidade, entre tantas outras definições.

O conceito de identidade pode ser definido como um conjunto de características de um indivíduo ou grupo ao qual se encontram inseridos. O nome pode ser uma característica da identidade do indivíduo? Sim, como afirma Fialho (2017, p.139), "O nome é um marcador importante da identidade individual, e dar um nome também é importante do ponto de vista da identidade do grupo".

De acordo com Dubar (2020), através das características indentitárias de uma determinada pessoa, podemos identificar um indivíduo entre os grupos existentes na sociedade. A construção do conceito de identidade é apresentada como resultado de vários processos de socialização, entre eles estão as relações e dinâmicas criadas entre esses diferentes grupos, podendo ser alteradas ou manterem-se estáveis.

Os diferentes contextos em que o indivíduo está inserido vão interferir na construção da sua identidade e, conseqüentemente, na sua identidade profissional. As relações de um

indivíduo e a multiplicidade com os aspectos relacionados à sociedade como sua classe social, país ou religião fazem parte da sua construção, “deste modo, podemos sintetizar a identidade como um conjunto de características pelas quais alguém pode ser reconhecido” (FIALHO 2017, p.143). O modo como nos caracterizamos ou nos relacionamos no meio social está interligado com este processo, e mediante aos mecanismos que influenciam nessa construção podemos citar o trabalho.

2.3 ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

A visão de minha mãe não é fruto do acaso ao dizer que as universidades são coisa de gente rica. Isso fica claro quando analisamos o percurso histórico de acesso à educação superior brasileira. As primeiras escolas de ensino superior chegaram ao Brasil junto com a corte da família real portuguesa em 1808. Os objetivos dos portugueses, em terras brasileiras, resumiam-se a duas vertentes: fiscalização e defesa (MARTINS, 2002). Em termos de fundação de centros de ensino superior, ou seja, de Universidades, em relação aos outros países da América Latina, no Brasil, foram a passos lentos o seu desenvolvimento na sociedade brasileira. O sistema de ensino assegurava um diploma profissional apenas para posições privilegiadas, reforçando o domínio da elite existente (SAMPAIO, 1991).

De acordo com Sampaio (1991), em 1822, mesmo após a independência, o cenário do ensino superior seguiu com poucas transformações sociais e econômicas, tendo em vista que não era do interesse de Portugal, as suas colônias terem instituições deste gênero. É importante lembrar que, mesmo com a sede monárquica no Brasil, contava apenas com alguns cursos profissionalizantes com formação exclusiva para o Estado, a concretização de cursos no ensino superior era uma realidade na Europa, reforçando o atraso da educação no nosso país (FAVERO, 2006).

Para Pinto (2004) estes passos lentos na educação superior não são motivo para surpresa, tendo em vista que as primeiras iniciativas na educação ocorrem através dos jesuítas, previamente, emergem cursos superiores no século XIX, e a criação de uma instituição, apenas no século XX. Em termos comparativos do acesso ao ensino superior, nossos países vizinhos têm o referido contato desde o período colonial, as mudanças que eram esperadas no âmbito da educação, não foram concretizadas, prevalecendo os modelos tradicionais no Brasil.

Em linhas históricas, a primeira universidade no Brasil, surge em 1912 no Paraná, a curto prazo, já que encerra suas atividades após três anos. Em decorrência das transformações industriais e urbanas, de forma planejada e elaborada, a fim de resolver as demandas da

sociedade local, em 1920 é criada a Universidade do Rio de Janeiro. A década de 30, marca o reconhecimento da educação como um direito público, entretanto, sem direitos assegurados e este cenário centralizado no ensino superior é modificado entre as décadas de 1950 e 1970, principalmente na década de 70, sob fortes exigências. A mediante isto, concretiza-se a criação de universidades federais, estaduais e particulares em todo país. (VASCONCELOS, 2010).

A década seguinte marca as novas peculiaridades nas universidades; as instituições que antes ofereciam um ensino tecnicista assumem um papel de institutos de pesquisa. Porém, este avanço na educação é suspenso, devido à falta de recursos e pelas fortes repressões do regime militar. Em meio a opressão do sistema político da época, os movimentos estudantis e as pressões populares têm fortes influências para as questões educacionais.

Entre os marcos históricos para os direitos políticos e sociais ao âmbito dos cidadãos no país, de acordo com a Constituição Federal do Brasil (1988), destacamos a inclusão dos respectivos artigos no que se refere a educação;

“Art. 205 - A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania. Art. 206 - O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: (i) igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; (ii) liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; (iii) pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; (iv) gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; (v) valorização dos profissionais de ensino garantindo, na forma da lei, planos de carreira para o magistério público com o piso salarial profissional e ingresso exclusivamente em concurso público de provas e títulos, assegurado regime jurídico único para todas as instituições mantidas pela União; (vi) gestão democrática do ensino público, na forma da lei; (vii) garantia de padrão de qualidade”.(BRASIL, 1988, Art. 205 e 206)

Diante deste contexto, Vasconcelos (2010) ressalta que as reais características da educação superior no Brasil são evidenciadas após 1930, tendo em vista que era um ensino limitado apenas para profissões de cunho liberal. Para Moreira e Gomes (2018), os avanços na educação superior ao longo da história foram marcados por parcelas, isto porque, após a década de 30, o cenário da educação não apresenta mudanças, já que este período é marcado pela alta demanda do ensino superior. Além desta demanda, as repressões por parte das ditaduras militares têm forte influência neste processo, pelo fato de que, na década de 60, a ditadura militar é palco de debate nas universidades, alimentando a repressão citada anteriormente.

Os anos 70 e 80 são destacados por reformas no sistema educacional nas universidades, visando a uma maior efetivação e produção nas instituições. Posteriormente houve a maior expansão no número de alunos nas instituições de ensino. O ensino superior que antes era

destinado apenas às elites, começa a ser ocupado também por outros grupos, jovens advindos de famílias sem formação superior, mulheres ocupando espaços demarcados antes apenas por homens, entre outros.

2.4 EXPANSÃO DO ENSINO SUPERIOR NOS GOVERNOS DO PT

De acordo com Traina e Calderón (2015) o início do século XXI é marcado por expressivos investimentos no ensino superior, mediante políticas públicas. No decorrer do cenário de expansão, as respectivas políticas de governo, de certa forma, se adequaram às expectativas de cada momento histórico. As ampliações nas instituições de ensino foram decorrentes do aumento das vagas de ingressos nas instituições, principalmente no período noturno. Neste contexto, a adequação destas políticas públicas e expansão destas IES, vem permitindo o acesso de segmentos da população tradicionalmente excluídos.

Em nosso país, no que se refere ao sistema superior e sua expansão, destacamos políticas sociais atreladas a projetos de desenvolvimento propostos pelo governo do Partido dos Trabalhadores (PT). Para tal feito, optou-se por uma maior participação do Estado, tanto em âmbito das redes públicas como privadas. No governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011) e Dilma Rousseff (2011-2016) são notórios os expressivos investimentos em Institutos Federais, ampliação daqueles já existentes, criação de novos cursos e a implantação de políticas com ações afirmativas. Destacamos a ampliação do número de vagas em ambas as instituições, o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE/2007), no que diz que respeito a rede pública, este mesmo plano introduziu o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras (REUNI).

Vejamos que, a partir destas políticas é introduzido um novo cenário no ensino superior. Foi possível que as universidades saíssem das capitais e grandes cidades para as periferias e cidades do interior do país. De acordo com os dados do Ministério da Educação (MEC), o número de municípios atendidos pelas universidades passou de 114 em 2003 para 237 até o final de 2011. Através deste respectivo programa, foi possível que as universidades deixassem um padrão de campus único para assumir um modelo de multicampi.

Em outro viés, esta foi uma aposta do respectivo governo para tentar solucionar um dos problemas do ensino superior da época. Para além destas propostas, houve outras tendências neste processo de expansão nas IES, como alterações no Programa Universidade para Todos (PROUNI), criado em 2004. Com o intuito da concessão de bolsas de estudos integrais e parciais em instituições privadas, direcionado para estudantes advindos de escolas públicas, da

rede privada com renda per capita de no máximo três salários-mínimos e com a seleção através do Enem. Outro programa ampliado foi o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES).

Em seu programa de governo¹¹, Lula previa a necessidade dessa expansão no ensino superior, tendo em vista os baixos índices de matrículas dos jovens entre 18 e 24 anos no Brasil em relação a outros países da América Latina. Além do reconhecimento do público sobre a importância das universidades para a sociedade. (IBIDEM, 2002).

Em sua gestão, Dilma Rousseff, no seu primeiro mandato, deu continuidade às políticas de expansão no sistema de educação, mediante a ampliação das universidades e institutos federais. Através do Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento das Instituições de Ensino Superior (Proies) a garantia da continuidade de suas atividades nas instituições, especificamente do Prouni e Fies. Em 2012, com estabelecimento da Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012), destinou 50% das vagas para estudantes oriundos de famílias com renda inferior ou igual a 1,5 salário-mínimo per capita.

A partir destas políticas públicas mencionadas, o perfil do estudante de graduação do campus brasileiro é modificado, impactando positivamente neste processo de acesso e democratização a estes estudantes, mesmo diante de algumas limitações. A origem social destes indivíduos interfere significativamente em sua trajetória acadêmica tornando um fator determinante, para tal, estes fatores devem estar na base do desenvolvimento das políticas públicas (FERREIRA, 2019).

¹¹ Para mais informações; plano de governo do Partido dos Trabalhadores (2002) Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano_governo.pdf Acesso em: 28 Jan. 2023.

3 A GANGORRA DA VIDA: ENTRE O TRABALHO E OS ESTUDOS

3.1 O USO DA ENTREVISTA E O UNIVERSO DA PESQUISA ANALISADO

Para realização das entrevistas, foram aplicados 18 questionários (apêndice B), composto por 23 questões, sendo 10 questões abertas e 13 questões fechadas estruturados em: a) perfil socioeconômico; b) trajetória escolar; c) ocupação; d) obstáculos e estratégias na graduação.

O questionário aplicado segue a seguinte estrutura:

- 1) **Perfil socioeconômico** (nome, idade, sexo, renda familiar etc.) - identificar as condições socioeconômicas dos entrevistados;
- 2) **Trajétoria escolar** - traçar sua relação com o universo escolar na infância/adolescência e se esta dupla jornada de trabalho já foi vivenciada em outras etapas;
- 3) **Ocupação** - identificar as condições de trabalho que estão exercendo e como o mesmo influencia na sua conciliação com os estudos);
- 4) **Obstáculos e estratégias na graduação** - analisar e discutir as estratégias utilizadas por estes estudantes durante a graduação.

Ao total, foram realizadas 18 entrevistas com estudantes do 2º ao 8º período dos cursos de ciências sociais e gestão pública. Tendo em vista que o público pesquisado dispunha de pouco tempo, já que trabalhavam durante o dia e estavam na universidade durante a noite, alguns dispunham apenas dos domingos para o descanso. Foram utilizadas as plataformas Google Meet e Whatsapp. A duração das entrevistas foi em torno de 20 a 30 minutos, algumas até um pouco mais já que, alguns entrevistados, utilizaram seu horário de almoço e algumas pausas que iam tendo no decorrer do dia. A internet oscilava em alguns momentos e em três ocasiões realizamos as entrevistas em dois momentos. Para preservar a identidade dos entrevistados, foram utilizados nomes fictícios.

Quadro 1 - Lista dos estudantes entrevistados

Nome	Ocupação
Juma	Auxiliar de Professora
Gertrudes	Manicure
Bart	Dirigente da Secretaria de Planejamento e Gestão
Rochelle	Vendedora
Wolverine	Microempreendedor

Nome	Ocupação
Fred	Funcionário Público
Filó	Funcionária Pública
Roben	Professor
Cauby	Vendedor
Yang	Recepcionista
Diana	Coordenadora
Grey	Empreendedora
Penelope	Auxiliar de Secretaria
Dereck	Conselheiro Tutelar
Arizona	Monitora infantil e auxiliar de salão
Karev	Microempreendedor
Velma	Analista de Novos Negócios
Brisa	Design de Sobrancelhas

Fonte: Autor, construído com os dados da pesquisa.

3.2 PERFIL SOCIOECONÔMICO, TRAJETÓRIA E OCUPAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

A pesquisa, realizada com estudantes do CDSA, revela um público majoritariamente feminino. Um dado observado, tanto no levantamento inicial, quanto na amostra do gráfico 2, acerca do número de estudantes que trabalham de forma remunerada e estudam, é que o percentual de mulheres é predominante maior.

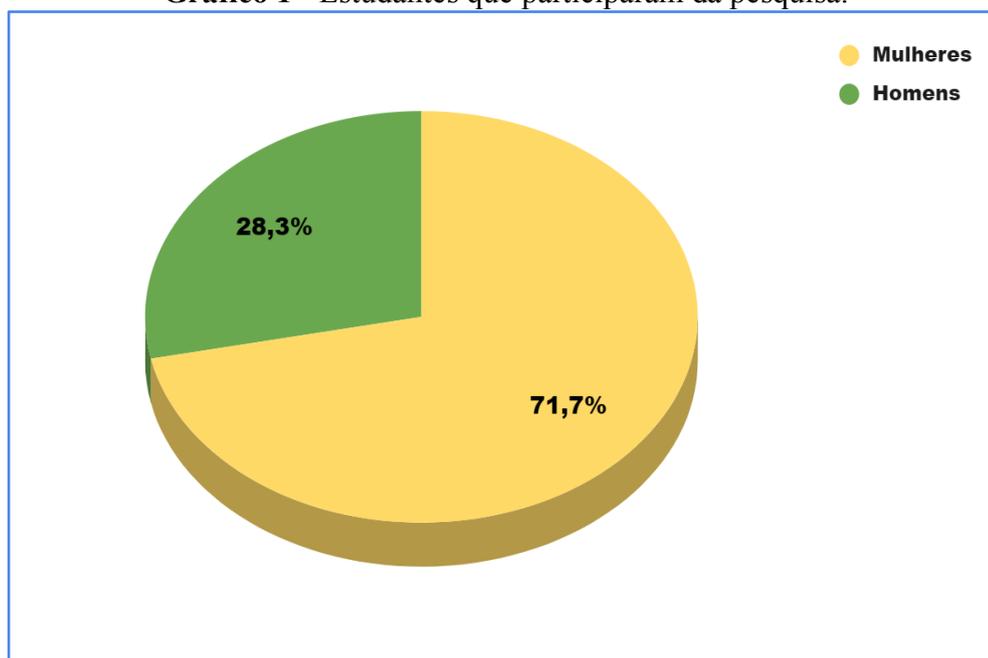
Em pesquisas realizadas por Villas Boas (2003) e Ricoldi e Artes (2014), ao analisar as proporções entre homens e mulheres no ensino superior na década de 2000, os homens constituíam cerca de 43,5% dos alunos no ensino superior enquanto as mulheres correspondiam a 57%.

Na década de 1980, as proporções educacionais com relação ao gênero começaram a ser alteradas. No que tange ao ensino superior, este quadro altera-se apenas 20 anos depois. O processo de expansão das universidades nos últimos anos foi importante para a mudança deste perfil. Segundo Villas Boas (2003) "em 2010, apenas 13% dos jovens brasileiros de 18 a 24 anos estavam matriculados no ensino superior, dos quais 52% eram mulheres" (Ricoldi e Artes, p. 152). Nesta mesma linha, Boas destaca,

O percentual de mulheres que terminaram o curso é bem superior ao de homens: apenas 32,35% (479) dos homens obtiveram o título de bacharel/ licenciado, enquanto 54,71% (851) mulheres se formaram. As ciências sociais parecem ser um locus privilegiado da realização de ideais de profissionalização das mulheres no mundo intelectual. (VILLAS BOAS, 2003, p. 3)

O gráfico 1 abaixo apenas ratifica a tendência que Villas Boas (2003) vinha identificando, ou seja, no universo dos estudantes que participaram da pesquisa, majoritariamente, são mulheres. Isto implica afirmar que há uma tendência local presumida pela tendência nacional de que as mulheres têm se empoderado e ocupado espaços e assumido vagas no ensino superior. Dos entrevistados da pesquisa, 71,7% são mulheres, enquanto, apenas, 28,3% são homens. Isto era inimaginável há cinco décadas.

Gráfico 1 - Estudantes que participaram da pesquisa.



Fonte: Construído pela autora, a partir dos dados da pesquisa (2022).

No que diz respeito a idade dos entrevistados, está variou bastante. É significativo o percentual de estudantes entre 19 e 25 anos. De acordo com dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2011) a taxa líquida de matrículas nas universidades é de 18 a 24 anos. A pesquisa revela que entre 19 e 31 anos é o intervalo que mais concentra estudantes que estudam e trabalham. Percebe-se que neste intervalo corresponde a fase que temos mais energia vital e que, portanto, faz-se necessário, principalmente para os indivíduos situados nas classes populares procurarem empregos e/ou desenvolverem alguma atividade laboral para garantir o sustento familiar ou mesmo somar à renda da família.

Tabela 1 - Idade dos entrevistados

Idade	Número	%
Entre 19 a 25 anos	12	66,66
Entre 26 a 31 anos	5	29,41
Mais de 32	1	5,8
Total	18	100

Fonte: Construído pela autora, a partir dos dados da pesquisa (2022).

Os cursos de Ciências Sociais e Gestão Pública são ofertados no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido - CDSA no turno da noite. Isto implica dizer que boa parte dos estudantes de tais cursos são oriundos de municípios situados na região em que o CDSA foi implantado. Há, nesse sentido, uma procura por tais cursos devido às condições sociais e objetivas dos alunos. Em outras palavras: dificilmente os alunos desses cursos fariam um curso superior se a Universidade não estivesse próxima de suas origens residenciais. Daí a importância da política pública de expansão e interiorização das universidades.

Esta política pública possibilitou que filhos das classes trabalhadoras pudessem realizar qualificações formativas nestes centros de estudo e pesquisas interiorizados no país afora. Isto implica uma nova compreensão sobre as instituições de ensino superior. Se, antes, as instituições estavam situadas tão somente na região litorânea de costas para os sertões e os cariris, ou seja, com as costas para o Brasil profundo, agora as instituições deixam de ser espaços exclusivos das elites para ser espaços da realização do direito à educação e à formação superior para os filhos dos trabalhadores e trabalhadoras.

Na Tabela 2, vê-se que, majoritariamente, os alunos entrevistados que trabalham e estudam são das cidades situadas na mesma região em que se encontra o CDSA. Esta informação é importante porque se percebe que, sem o CDSA em Sumé, dificilmente tais pessoas se deslocariam para um centro universitário de Campina Grande ou mesmo a capital da Paraíba, João Pessoa. Trabalhar durante o dia e estudar a noite exige, para além do esforço individual, essas mediações institucionais que são fundamentais através das políticas públicas que vão do acesso ao transporte para deslocamento destas cidades ao espaço universitário, perpassando pela política de bolsas e incentivos aos estudos à construção de estabelecimentos de estudos nessas regiões.

Tabela 2 - Cidade de origem dos entrevistados.

Cidade	Estado	Quantidade
Serra Branca	PB	5
Congo	PB	4
São João do Tigre	PB	2
Sumé	PB	2
Coxixola	PB	1
Camalaú	PB	1
Prata	PB	1
Amparo	PB	1
Monteiro	PB	1
Total	—	18

Fonte: Construído pela autora, a partir dos dados da pesquisa (2022).

Assim, vê-se que as cidades listadas, na tabela acima, possuem proximidade com a cidade sede do *campus*. Esta aproximação interfere diretamente na hora da escolha do curso. Uma das variantes nesta escolha é a condição socioeconômica dos entrevistados, conforme veremos posteriormente. Estes dados revelam que são estudantes que advêm de famílias das classes populares, pois a necessidade de um trabalho remunerado antes da conclusão do curso superior está relacionada com a classe social de cada indivíduo.

O deslocamento para centros de formação que são distantes geram custos, com os quais, pais pertencentes às classes populares não têm condições de investir em recursos para a manutenção dos estudos dos seus filhos. Os polos acadêmicos no interior dão oportunidades aos filhos das classes trabalhadoras de adentrar na universidade e alimentam o sonho de um futuro melhor através dos estudos.

O acesso ao ensino superior principalmente aos jovens advindos das camadas populares, são consideradas conquistas recentes. De acordo com (NOGUEIRA; AFRANIO, 2007, p. 41) “ Justamente por que os mecanismos de eliminação agem durante todo o curso” as desigualdades existentes entre os sujeitos das diferentes classes sociais, refletem-se nas oportunidades de acesso ao ensino superior. As vivências e desafios vivenciados por estes jovens, sejam econômicos, acadêmicos ou interpessoais podem contribuir para sua desistência.

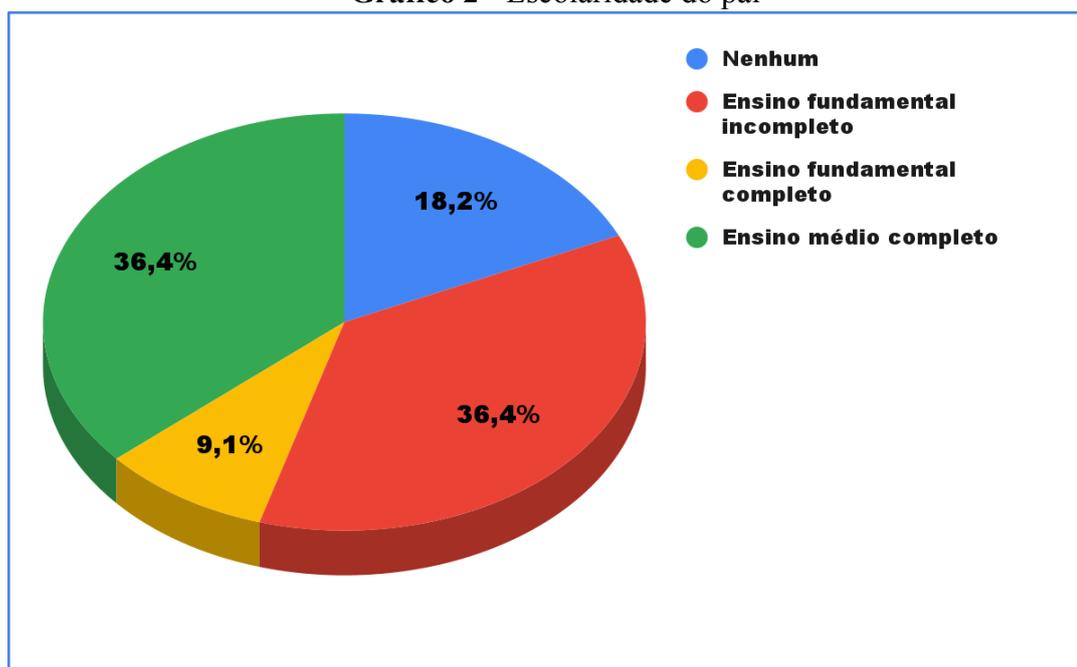
A questão do deslocamento, que relatamos anteriormente, é um obstáculo para estes estudantes, como pode ser visto na tabela 03, a exemplo da cidade de São João do Tigre. Os mesmos fazem um percurso de 6 horas de viagem todos os dias. O ingresso no ensino superior ao mesmo tempo que é visto como uma conquista, por outro lado é visto com uma decisão que terá inúmeras influências externas, e as mesmas irão, muitas vezes, contra suas próprias vontades. A família tem forte influência na decisão destes jovens no prolongamento dos seus estudos, há uma rede de relações no seio familiar e entre elas o reconhecimento do valor social com a escolarização.

Mediante uma sociedade marcada por profundas desigualdades, para aqueles pertencentes às classes populares, estar inserido em uma universidade é motivo de orgulho, percorrer o caminho para “ser alguém na vida”, é vivenciar uma oportunidade que os pais não tiveram.

No gráfico a seguir vê-se que a escolarização dos pais reflete nas condições de trabalho que os filhos exercem. Torna-se necessário resgatar o grau de escolarização dos pais, uma vez que estas resultam em baixas remunerações e inviabilizam garantias de renda ou estabilidade futura para os filhos, o passado é carregado no presente.

O gráfico acerca da escolaridade do pai é muito significativo. Primeiro: apresenta a ausência, por parte dos pais dos alunos entrevistados, de formação superior; Segundo: mais de 70% possuem ensino fundamental incompleto e ensino médio completo. E 30% aproximadamente não estudaram ou só possuem ensino fundamental completo. Isto implica afirmar que os pais dos entrevistados possuem baixa escolaridade. Numa sociedade competitiva como a que estamos vivendo, em que o acesso às instituições e ao mundo do trabalho exige, cada vez mais, um volume expressivo de capital cultural, essa baixa escolaridade se torna um obstáculo à superação das condições de desigualdades e de acesso a bens e serviços por esses indivíduos. Ao tempo que vê-se a necessidade da geração advinda destes pais, superarem-nos, em termos de formação; por outro lado vê-se também o quanto é difícil está superação tendo em vista a herança que trazem em seus corpos e em suas mentes diante das condições objetivas em que foram e são criados. Os limites do capital cultural dos pais repercutem na trajetória dos filhos. Estes, muitas vezes, se sentem impotentes diante das desigualdades enfrentadas no mundo social.

Gráfico 2 - Escolaridade do pai



Fonte: Construído pela autora, a partir dos dados da pesquisa (2022).

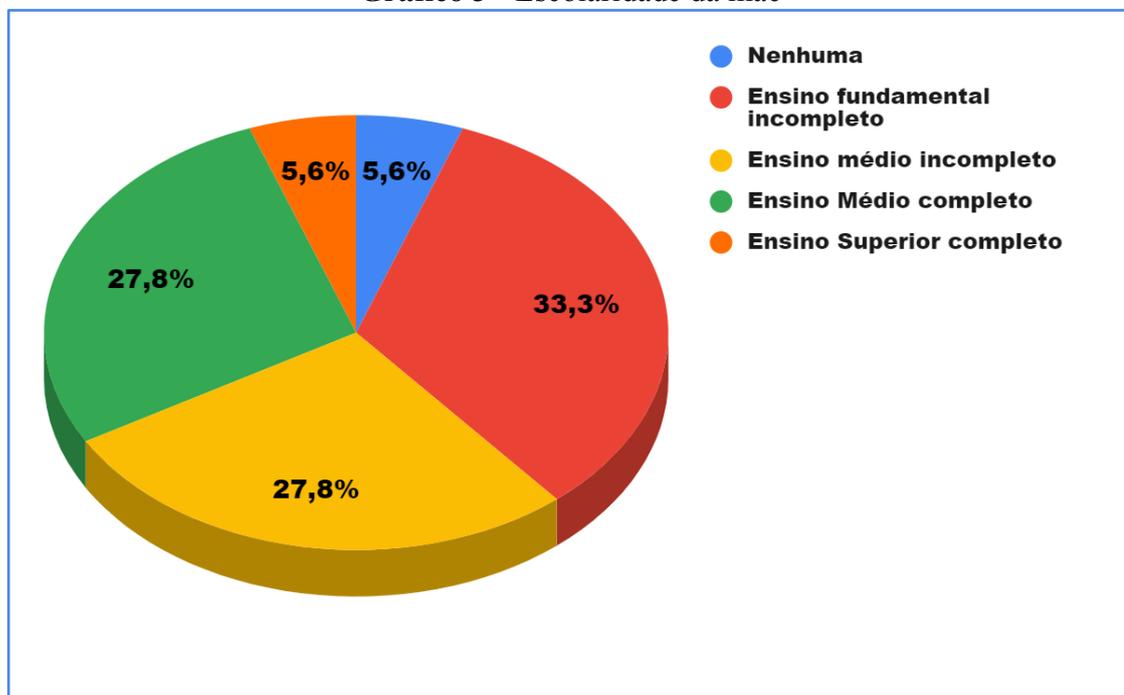
Assim, vê-se que, mediante os dados, 63,7% dos genitores não concluíram os estudos. Os motivos são vários, porém o que mais pesa são as condições objetivas, visto que à época inexistia universidade na região. Desta feita, o senso prático, orientavam a interromper os estudos para trabalhar e assumir responsabilidades muito cedo. Não obstante tais desafios, o que os entrevistados demonstraram é que "apesar dos poucos anos de escolarização, a um valor atribuído aos estudos por parte dos familiares". Estes sempre estão a incentivar a continuidade dos estudos dos seus filhos. Justamente por sentirem os impactos da falta de qualificação que desencadeia a precarização das relações de trabalho, sujeitando-se a bicos e trabalhos temporários.

O incentivo dado pelos pais, situados nas camadas populares, aos seus filhos pode ser sintetizado na seguinte sentença: "os estudos possibilitam um futuro melhor, através dos estudos é que terão melhores oportunidades". Há, por parte dos pais, uma preocupação com a qualidade de vida dos filhos. Diante das dificuldades por eles passadas, eles não desejam que os filhos trilhem os mesmos caminhos. Daí que a Universidade não é apenas um espaço de formação. É mais que isto. É um espaço de realização de sonhos. É um espaço de realização de direitos para a geração dos filhos, uma vez que para a geração dos pais este direito fora negado. É o espaço de construção de novas trajetórias. É o espaço em que "sonhos passados" se realizam no presente, apontando caminhos para um futuro. Assim,

“A valorização do estudo pelos pais dos jovens das camadas populares reafirma que o acesso ao ensino superior não é um projeto individual, mas uma construção coletiva, com impactos na construção das subjetividades dos jovens historicamente excluídos desse nível de ensino e de suas famílias” (FIOR, MARTINS, 2021, p. 12).

Se em relação à escolarização dos pais, viu-se a baixa escolaridade como característica; em relação à escolarização das mães dos entrevistados não será tão diferente. No universo de 100%, apenas 5,6% possuem curso superior; 27,8% ensino médio incompleto e ensino médio completo; 33,3% ensino fundamental incompleto e 5,6% com nenhuma formação. Há um espelhamento em termos de escolaridade do pai e da mãe dos entrevistados, não obstante as mães, ou seja, 5,6% possuem curso superior completo. Há, em grande medida, por parte das mães formações relacionadas aos cursos de pedagogia e/ou formação relacionada ao magistério. O que sinaliza para um fato de que, no Cariri paraibano, antes da chegada da Universidade, muitas das mulheres realizavam cursos de pedagogia ofertado pela Universidade do Vale do Acaraú - UVA, uma instituição pública do Ceará, mas que ofertava cursos pagos em todo o interior do estado da Paraíba, em convênio com faculdades particulares. A existência de cursos ofertados pela UVA possibilitou a uma geração significativa de mulheres, principalmente, a se formarem por esta instituição.

Gráfico 3 - Escolaridade da mãe



Fonte: Construído pela autora, a partir dos dados da pesquisa (2022).

Por este motivo, pode-se observar, com relação ao Gráfico 3, que as mulheres tiveram uma taxa de conclusão superior à dos homens. Estes dados revelam o desejo de qualificação das mulheres, buscando formação técnica ou superior, conforme evidenciado nas pesquisas que apontam que as mulheres se tornaram maioria no número de matrículas na educação básica e nas universidades.

Estudos têm evidenciado que a formação escolar dos pais interfere diretamente na formação dos filhos. As origens sociais e o berço familiar são uma variável importante para se entender o sucesso e o fracasso escolar, não obstante algumas exceções. A herança cultural é responsável pelas taxas de êxito destes estudantes, os mesmos quando detêm um acúmulo de capital cultural¹² resultado da familiarização com o “saber”, ou seja, dos conhecimentos que são valorizados pela escola no espaço familiar, possuem mais chances de sucesso escolar.

O nível cultural do grupo familiar, quase sempre, faz referência à parcela dos estudantes considerados “bons alunos” perante a escola. O contexto social que os alunos estão inseridos vão diferenciar a classificação dos mesmos. Devemos considerar a família como o primeiro grupo de socialização destes indivíduos, responsável em passar os primeiros valores e códigos culturais que estes estudantes vão interiorizar.

“Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo ethos, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob dois aspectos, segundo as classes sociais, é responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito” (NOGUEIRA; AFRANIO, 2007, p. 41-42)

A diferença social que é mencionada anteriormente, segundo Pierre Bourdieu (2002) apud Nogueira e Afrânio (2007), é um dos abismos existentes entre as crianças no meio educacional. Elas vão perpetuar e reproduzir durante todo o curso, de forma direta ou indireta, por meio da linguagem e do comportamento, em poucas palavras, através do habitus adquirido na socialização primária no âmbito da família.

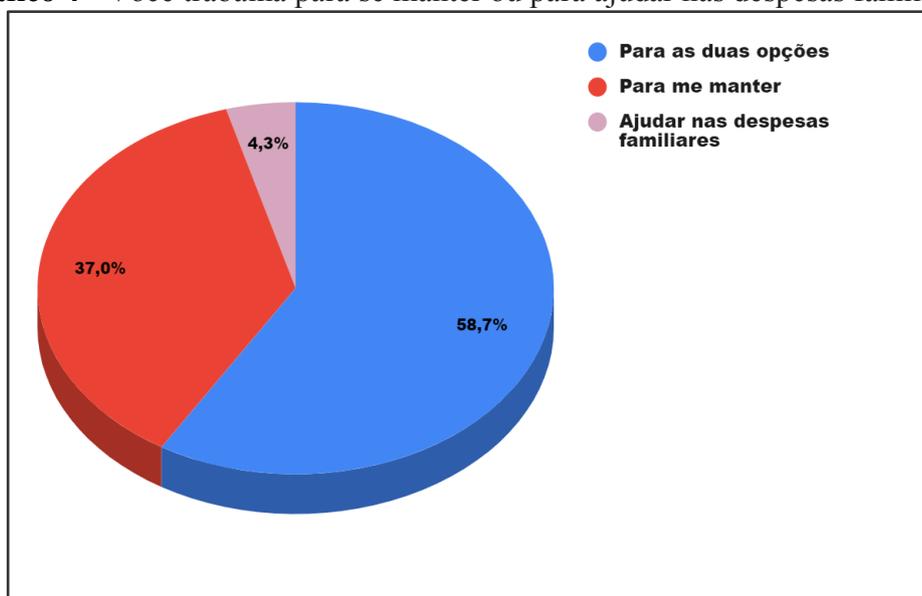
As análises feitas pelo sociólogo na década 60, explicam como a escola reproduz as desigualdades advindas do grupo familiar. As chances de um jovem advindo de camadas superiores adentrar no ensino superior com condições sociais é 40% mais que as chances de um filho de operário. As desigualdades existentes na pequena parcela que consegue chegar ao

¹²Metáfora utilizada por Pierre Bourdieu(2002) para explicar como a cultura em uma sociedade dividida em classes se transforma em uma espécie de moeda que as classes dominantes utilizam para acentuar as diferenças existentes entre as diferentes classes sociais.(NOGUEIRA; AFRANIO 2007).

ensino superior são ainda mais evidentes. Um dos primeiros pontos a destacar é a linguagem universitária utilizada pelos docentes com os estudantes de diferentes grupos sociais que estão inseridos neste ambiente.

O indivíduo que nasce em família desprovido de condições econômicas e culturais vai sentir os impactos desta nova socialização, sendo necessário um maior esforço para adquirir este código legítimo e com ele construir novas formas de classificação que permitam ascender social e economicamente. Conciliar estes dois universos de socialização (família e escola) não é uma tarefa fácil. Na tentativa de lograr êxito vão se defrontar com outros sujeitos que não passam por estas situações. O sujeito que opta por estudar à noite e trabalhar durante o dia, auxilia nas despesas familiares, exemplo disto, foi a nossa amostragem inicial do público pesquisado. Para as classes populares, o trabalho é algo tão comum quanto os estudos para as classes médias. O trabalho faz parte do cotidiano dos indivíduos das classes populares, muitas vezes desde a infância. O trabalho na infância, muitas vezes, se traduz como “ajuda dos filhos para os pais”. O trabalho serve para auxiliar nas atividades laborais dos pais, permitindo, muitas vezes, acréscimos à renda do grupo familiar (IBIDEM, 2007).

Gráfico 4 - Você trabalha para se manter ou para ajudar nas despesas familiares?



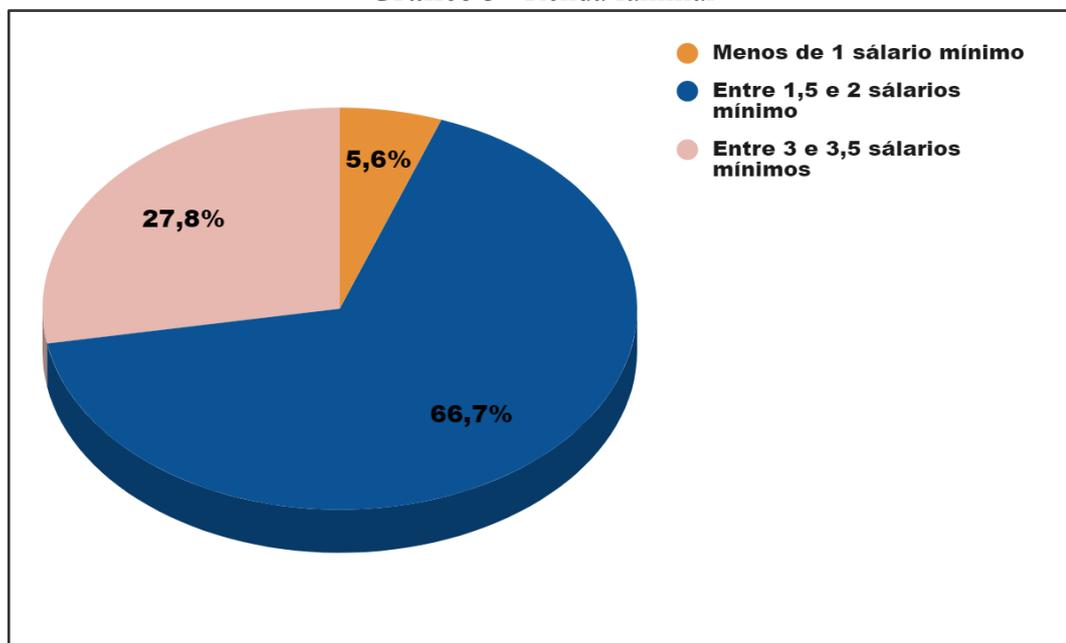
Fonte: Construído pela autora, a partir dos dados da pesquisa (2022).

A realidade de fato destes estudantes emerge das condições objetivas sociais e econômicas. Na pessoa trabalhadora há uma dupla condição: trabalhador e estudante. Para os indivíduos situados em posições sociais privilegiadas no Brasil, os estudos, quase sempre, antecedem ao trabalho. Os filhos da classe média brasileira, por exemplo, têm tempo livre

durante a infância e a juventude para se dedicar, exclusivamente, aos estudos. Não há preocupação com o "sustento do lar". Esta preocupação não faz parte do seu universo familiar. Diferentemente, os filhos oriundos das classes populares, quase sempre, estão preocupados com as necessidades materiais primordiais para a existência: o alimento, o que comer e colocar no bucho é a principal preocupação. O investimento em estudo, para as classes populares, em termos de hierarquia, em sociedades profundamente desiguais como a brasileira, não se encontra como prioridade; primeiro está o trabalho, depois os estudos.

Barreiro e Filho (2007) destacam a realidade dos cursos superiores noturnos no Brasil, constituídos por estudantes de baixa renda e que trabalham em áreas não necessariamente do seu interesse, respectivamente, tentam obter recursos financeiros para se manter no curso superior. Esta constatação só reforça os dados levantados nesta pesquisa. O CDSA e os cursos noturnos de Ciências Sociais e de Gestão Pública não se encontram isolados do contexto nacional. O Cariri se situa no semiárido brasileiro, portanto, em uma das regiões mais pobres deste país, com renda per capita e IDH baixos.

Gráfico 5 - Renda familiar



Fonte: Construído pela autora, a partir dos dados da pesquisa (2022)

A renda familiar das famílias analisadas não passa de 4 salários-mínimos. Quando se considera o número de membros no grupo familiar, estes valores são irrisórios, principalmente no contexto inflacionário pelo qual passa o país. Como se diz na linguagem popular: "a carestia" dos produtos básicos, impactam diretamente a renda e a vida cotidiana dessas famílias.

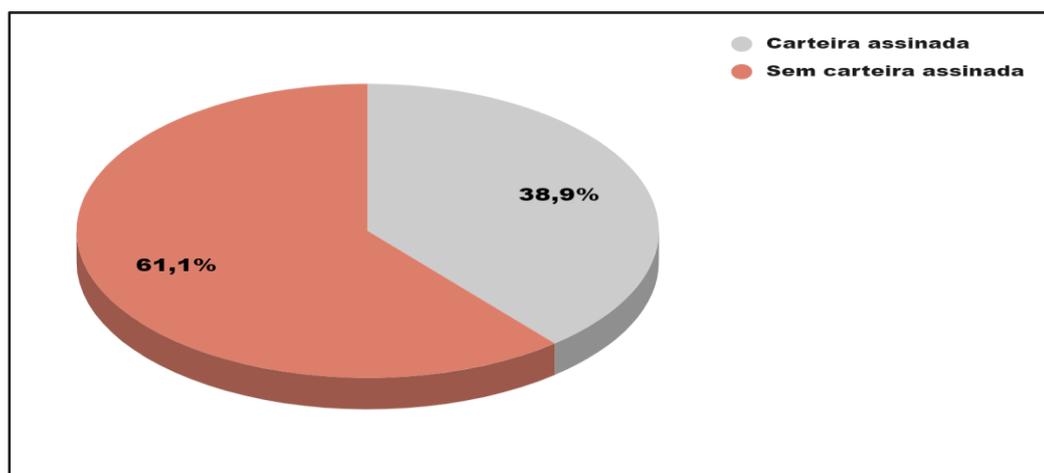
É nesse contexto que os estudantes estão situados. Os estudantes pesquisados trabalham para auxiliar nas despesas do grupo familiar, conforme evidenciado no gráfico 04. O trabalho neste cenário torna-se fundamental para o complemento da renda. A baixa escolarização dos responsáveis pelo lar e a precarização do mundo do trabalho, não permitem que se obtenha trabalhos com uma alta remuneração.

Daí que o ingresso em uma universidade mesmo que pública gera custos. Estudantes que advêm de famílias populares e que obtêm valores mínimos para sua sobrevivência, não conseguem arcar com gastos extras diários gerados ao ingressar em uma instituição (material para os estudos, transporte, comida etc.). Estas situações retratam, antecipadamente, os obstáculos que estes indivíduos enfrentam no decorrer do percurso formativo, ao lado de outros que, dificilmente, passarão por casos similares.

O trabalhador estudante com um perfil socioeconômico baixo, conforme destacaram Moreira e Gomes (2018), apresenta características peculiares, com atividades parciais entre seus interesses e necessidades imediatas, entre estas e a manutenção familiar. Vive em uma fragmentação ao dividir-se em tempos sociais distintos e, ao mesmo tempo, depende do emprego para se manter, Marialice Foracchi (1977, p.51, apud VARGAS e PAULA, 2013) descrevem a situação do estudante trabalhador como:

“O trabalho e o estudo podem ser conjugados porque tanto existe o trabalho em tempo parcial quanto os cursos noturnos. O jovem que se desdobra entre essas duas atividades, igualmente solicitadoras e absorventes, apresenta, portanto, algumas características peculiares. Trabalho parcial: acentua o divórcio entre interesses e necessidade, sem concentrar-se neste ou naquele setor, se dilui entre estudo e trabalho, convertendo-os em atividades precárias e insatisfatórias. Contudo, nesse caso, o trabalho é o setor mais atingido por ser, na perspectiva do estudante, um trabalho incompleto e parcial. O estudante que trabalha vive a fragmentação do estudante: não estamos mais em presença de um mero intervalo que possibilita, como numa fuga, a realização de determinada atividade. Estamos diante de um intervalo amplo que marca, porque separa em tempos sociais distintos, o trabalho e o estudo.”

Vejamos entre estas duas relações de tempo, como relatamos anteriormente, estes estudantes estão compartilhando espaços com outros indivíduos que se dedicam exclusivamente aos estudos, onde o seu trabalho é estudar, no qual Moreira e Gomes (2018) denominam estudante trabalhador, o fato de só "estudar", também é um trabalho.

Gráfico 5 - Você tem carteira assinada?

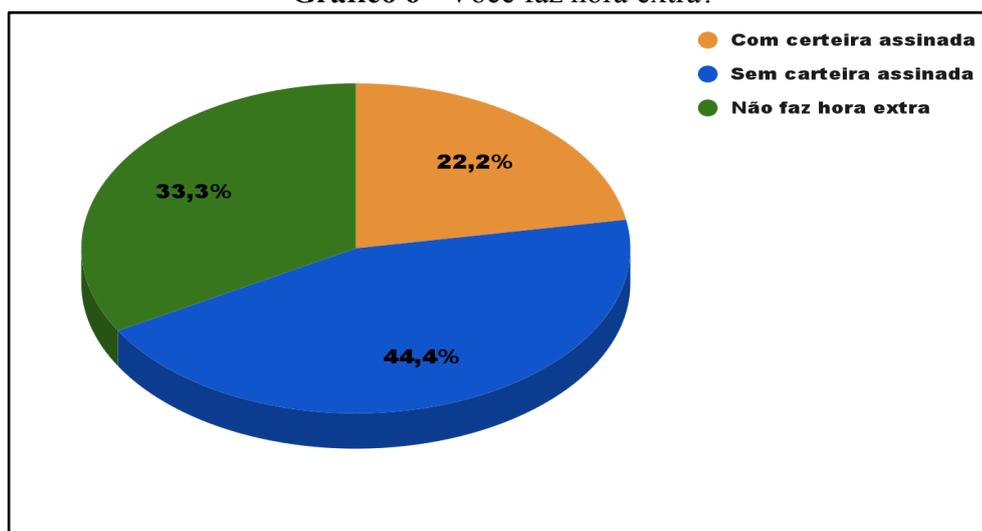
Fonte: Construído pela autora, a partir dos dados da pesquisa (2022)

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), no 1º trimestre de 2022, considerando as pessoas que podem trabalhar acima de 14 anos, o Brasil registrava cerca de 47.091 milhões de empregados no setor privado, das quais, neste mesmo setor, 34.875 milhões estavam trabalhando com carteira assinada.

É notório que o trabalho é essencial na vida dos seres humanos, e que, através dele, satisfazemos nossas necessidades. E por estas mesmas necessidades que, em busca de uma renda própria ou familiar, o trabalhador se submete ao desempenhar atividades que lhe tragam remuneração. Podemos salientar que o trabalho informal é apresentado para estas gerações como uma das poucas alternativas para uma forma de ocupação ou renda.

Cerca de 61,1% dos entrevistados, são caracterizados em sua maioria por trabalhos descritos como informais, por não possuírem carteira assinada, por não estarem regulamentado por um contrato, realizam muito mais horas de trabalho. O que não configura horas extras no sentido empregado pelo direito trabalhista, mas, sim, por atuarem na informalidade, necessitam dedicar mais tempo às atividades que exercem para que, assim, possam ampliar a renda. O trabalho informal, nesse sentido, além de precário, constrói condições que ampliam e sugam as energias do trabalhador. Com isto, permite que este exerça um esforço ainda maior para garantir o sustento familiar.

Gráfico 6 - Você faz hora extra?



Fonte: Construído pela autora, a partir dos dados da pesquisa (2022)

Este Gráfico 6, nos apresenta que dos entrevistados, ou seja, os alunos que estudam e trabalham, há um baixo percentual de estudantes-trabalhadores com carteira assinada. Significativamente 33,3% não possuem carteira assinada. E dos 22,2% que têm carteira assinada, 44,4% não faz hora extra. Ou seja, quase a metade não faz hora extra. Há uma possibilidade de "a não realização da hora extra" decorra-se do investimento que os mesmos vêm realizando em seus cursos. Há, muito provavelmente, um cálculo estratégico, muitas das vezes inconsciente, guiado muito mais pela realidade, de investir na formação para ser "gente". Esta expressão é muito comum, significa que o trabalho, quando revestido de aprendizado, investimento em capital cultural, torna-se menos penoso que o trabalho braçal. O fato também dos entrevistados afirmarem que realizam horas-extras, não significa dizer que recebem pelas horas trabalhadas uma quantia justa, ou seja, que as horas extras realizadas por trabalhadores não são, muitas das vezes, legalmente pagas, principalmente em empresas de pequeno porte e trabalhos considerados informais.

Ao questionarmos os entrevistados sobre a questão de horas extras, é notório que faz parte da rotina em suas ocupações, conforme podemos observar.

“Sim, faço muitas horas extras, eu acho que a minha vida é fazer hora extra, por que apesar de ser um trabalho autônomo devido às dificuldades financeiras eu acabo sempre aceitando trabalhos de última hora né? Pego coisas as vezes que eu nunca fiz, mas aceito pegar porque é um dinheiro que é bem-vindo, porém isso me desgasta muito.” (Grey, sexo feminino entre 26 e 31 anos).

“Hora extra eu faço todos os dias, porque quem trabalha por conta própria trabalha 24 por 48, mas minha jornada de trabalho eu abro a loja de 8:00 h, ou 9:00 h, até 12:00 e de 14:00 h até as 17:00 de segunda a sábado, mas as pessoas me chamam no domingo eu vou, me chamar à noite quando eu estou em casa eu vou.”(Gertrudes, sexo feminino entre 19 e 25 anos).

O que chama a atenção no relato é que, conforme mencionado, não se trata de horas extras no sentido jurídico. Mas, sim, um trabalho que necessita da complementação de renda e que faz com que o trabalho tenha que se "desdobrar nos trinta" para poder ampliar a sua renda. Há uma necessidade, por parte da estudante e trabalhadora Grey, em realizar mais atividades, mesmo não tendo experiência. Isto deve-se em grande medida à necessidade da complementação da renda com vistas a suprir as necessidades cotidianas existenciais.

Eventualmente, como relatamos anteriormente, os estudantes-trabalhadores quando conseguem alguma atividade, esta é caracterizada pela precariedade, expressas, principalmente nas formas de empreendedorismo. São jovens com pouca formação e situados em famílias com baixo nível de renda e que, para permitir a garantia de sua sobrevivência, investem em atividades empreendedoras como meio de superação das condições em que se encontram. O que nem sempre ocorre é o sucesso. Muitas vezes, postergam, diante das necessidades objetivas, o investimento na formação, prejudicando-a posteriormente.

“O jovem empreendedor por necessidade que busca no empreender o atendimento das necessidades de geração de renda encontra, frequentemente, uma forte barreira determinada pelo nível de educação e pela falta de experiência em planejamento de negócios. Ele tende a reproduzir o círculo vicioso que resulta na transmissão intergerações da pobreza; em lugar de se constituírem num mecanismo que supere os problemas dos lares de origem, se reproduzem essas mesmas situações. Ou seja, a vulnerabilidade ao fracasso desses jovens pobres diante do mercado de trabalho é maior para aqueles que provêm de lares mais pobres do que para os de maiores rendas”. (BULGACOV, 2011, p. 713).

A informalidade é mais presente entre os jovens que, por sua vez, têm mais dificuldade de ingressar no mercado de trabalho e ao venderem sua força de trabalho se sujeitam a qualquer tipo de atividade por mais precária que seja.

Evidenciamos entre o público pesquisado, estudantes que se dedicam ao empreendedorismo, os mesmos revelam uma “flexibilização” em seu trabalho que lhe permite conciliar os estudos com o trabalho. Percebemos que são pontos contraditórios, tendo em vista que os mesmos não dispõem de tempo para o lazer ou priorizar um horário fixo para os estudos e, posteriormente, se dedicar à formação acadêmica.

É notório, no decorrer destas análises, que os trabalhos desenvolvidos por estes indivíduos assumem um caráter, preponderantemente, de exploração/alienação, característicos do capitalismo contemporâneo. Isto fica perceptível mediante alguns pontos em questão, como a ausência de direitos trabalhistas, ausências de oportunidades e, até mesmo, o controle do seu próprio tempo (LOYOLA, 2009).

Luce (2012, p. 126) afirma que “O prolongamento da jornada de trabalho e a intensidade do trabalho são duas formas de superexploração que tem se agudizado nos últimos anos”. Atividades em que o trabalhador tem um desgaste físico maior e a relação com a remuneração, não compensa; o desgaste físico e mental são característicos desta exploração. Isto se tornou observável na descrição, pelos trabalhadores-estudantes, nas horas extras.

O trabalhador ao vender sua força de trabalho em troca do valor que recebe (às vezes menos de um salário-mínimo) sequer permite suprir as necessidades vitais básicas. Há, portanto, uma expropriação das suas energias vitais. Marx explica este processo a partir do conceito de mais-valia¹³. Este termo é utilizado para explicar a apropriação do produto do trabalho como um todo. Em outras palavras, tomando como exemplos, na nossa pesquisa, Cauby e Rochelle, que trabalham na área de vendas, supondo que os mesmos trabalhem durante oito horas por dia, estas horas serão incorporadas na forma de valor ao produto final, que, posteriormente, será posta em forma de lucro nas mãos dos donos; no fim do mês, estes trabalhadores não serão pagos pelo conjunto de todo trabalho realizado; mas, sim, apenas, por uma parte, digamos que 4/8, as quatro horas excedentes corresponde ao que Marx denominara de mais-valia.

3.3 O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR E ORIGENS SOCIAIS

Sobre o contexto escolar, resgatamos as trajetórias dos entrevistados, em que 100% do público advém de escolas públicas. Através das entrevistas constatou-se que conciliar trabalho remunerado com os estudos não é algo novo, principalmente para os estudantes das classes populares. O perfil etário destes estudantes de nível superior, indica que para uma porcentagem esta dupla jornada é uma realidade vivenciada desde o ensino médio como podemos ver em alguns relatos;

“Eu também comecei a trabalhar desde cedo de maneira informal já trabalhei vendendo em feira e aos 13 anos iniciei o trabalho com design de sobancelhas, mas nunca parei de estudar, nunca deixei de fazer isso uma prioridade” (Brisa, sexo feminino entre 19 e 25 anos)”.

“Apesar de muito nova eu sempre trabalhei e sempre estudei, terminei o ensino médio (...) meu primeiro trabalho foi com 17 anos, aí passei 10 meses depois saí e abri meu próprio negócio, vai fazer um ano que eu trabalho para mim mesma” (GERTRUDES, sexo feminino entre 19 e 25 anos).

¹³“Para Marx, a mais-valia é a forma de exploração característica do capitalismo. Consiste na diferença entre o valor do produto e o valor do capital despendido no processo de produção”. (LOYOLA, 2009, p.131).

“Sempre fui um bom aluno, com boas notas, porém, durante o ensino médio eu fui estudar no período noturno, pois já trabalhava durante o dia, nesse mesmo emprego que estou hoje, porém foi tranquilo trabalhar e estudar, deu para conciliar bem” (Cauby, sexo masculino entre 19 e 25 anos)

Os mesmos se consideravam “bons alunos” ou “dentro da média”, resultado da entrega das atividades em dia, de um bom comportamento em sala de aula para que os pais não fossem chamados a atenção, posteriormente resultando em pontos extras¹⁴.

“Eu conseguia manter a média, o comportamento adequado e absorver os conhecimentos que eram passados para mim, sempre consegui manter uma média e acho que isso me fazia ser uma boa estudante, uma estudante regular” (Arizona 15, sexo feminino entre 26 e 31 anos).

“Eu acredito que eu sempre fui mediano, eu nunca dei tanto trabalho aos professores não, eu me considerava um bom estudante, um pouco desinteressado às vezes, só que não prejudicava a ninguém nem ao andamento da turma nem nada, só a mim mesmo, graças a Deus consegui terminar dentro dos anos estipulados” (Roben, sexo masculino entre 19 e 25 anos)

“Minha relação com a escola sempre foi uma relação meio dura, não vou mentir (...) havia umas dificuldades, mas eu conseguia levar porque em relação de comportamento eu sempre fui uma pessoa não muito arengueira, não muito briguenta, conseguia me comportar dentro de sala de aula e fazia as atividades e me passavam, mas mesmo assim, não conseguia assimilar muito conteúdo não, não vou mentir” (Dereck, sexo masculino entre 19 e 25 anos).

Mas afinal, o que é ser um bom aluno? As pesquisas realizadas por Menandro e Souza (2010) com estudantes do ensino médio sobre seus anseios e perspectivas, ser um bom aluno estava interligado com valores tradicionalmente cultuados pela escola como ser estudioso, comportado e obter boas notas. “O termo comportado deixa entrever que o bom aluno é, essencialmente, submisso às normas escolares pré-estabelecidas” (Menandro e Souza, 2010 p. 88). Estas mesmas representações sociais são construídas no decorrer do cotidiano, estabelecendo padrões de valorização e desvalorização. As competências que o aluno deve construir neste processo estão relacionadas a sua autonomia, independência e a sua criatividade. Entre as várias concepções que estudantes do ensino médio têm sobre a escola, uma delas é a instituição ser vista como um dos meios mais viáveis para uma conquista profissional e posteriormente se obter uma vida melhor.

¹⁴ Podemos classificar estes pontos extras também como novas formas de avaliação, distanciando-se das formas de avaliações tradicionais no qual a prova objetiva é o ponto mais importante. A BNCC é um documento que nos dá subsídios em como avaliar estas aprendizagens dos diferentes grupos presentes na escola, a exemplo de avaliações contínuas, como a diagnóstica, formativa e somativa. Disponível em: file:///C:/Users/andre/Downloads/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf Acesso em: 26 Agos. 2022.

Vejamos que o discurso sobre a escola em geral é colocar oportunidades de uma mobilidade social frente a crianças e jovens das classes populares, “logo a educação cumpriria sua promessa integradora de mediar a passagem de uma classe desfavorecida para uma classe melhor posicionada na sociedade.” (SIQUEIRA, 2016, p. 02).

Entre as concepções dos alunos sobre a escola e os valores tradicionalmente cultuados pela mesma, Charlort (1996) coloca a seguinte questão: Qual a relação destes alunos com o saber? Quais são as relações que motivam ou não o aluno a ir à escola? Suas pesquisas direcionadas principalmente com alunos das periferias, desmembra o que leva aos alunos serem classificados como bons ou maus na escola. “Se um aluno não vê sentido na escola, ele não estudará, e se deixará levar pelos colegas.” (CHARLORT, 1996, p.55), podemos perceber este fato em alguns relatos a seguir nas nossas entrevistas;

“Eu quando era mais novo, principalmente eu não via sentido ir para aula, depois com o tempo fui acostumando, fui vendo que ali tinha meus colegas e tal aí foi amenizando a relação com a escola(...) A mesma coisa foi no ensino médio, no ensino médio, eu estava mais rebelde, estava mais brincalhão, sem querer saber, só queria saber mesmo de terminar o ensino médio, e não queria saber muita coisa da vida, eu não estava nem aí para a vida.” (Dereck, sexo masculino entre 19 e 25 anos).

“Eu tinha um pouco de dificuldade para me interessar até o ensino fundamental, era até mais interessado, só que quando chegou no ensino médio acho que por conta da adolescência e a fase que vivemos naquele momento aí eu me desinteressei, nunca repeti de ano e nem era de ir para as finais, mas no ensino médio fiz prova final.” (Filó, sexo feminino entre 26 e 31 anos).

No contexto do ensino superior, o que é considerado um bom aluno? O perfil de um bom aluno é composto em participar de eventos, dedicar-se a um número x horas de estudo, congressos fora da instituição, participar de grupos de extensão, entre outras atividades. Estes aspectos sobre o perfil dos bons alunos no ensino superior são adversos às reais condições do estudante que realiza um trabalho remunerado, tendo em vista que ao adentrar em uma universidade o mesmo se depara com outra realidade.

Diante das condições a que estes alunos estão submetidos, dificilmente conseguem incorporar o *habitus* acadêmico, tendo em vista que é necessário um processo de socialização, em que os alunos adquirem durante este percurso. É notório que o ensino superior vem abrangendo diferentes classes sociais, entretanto, como destaca Bourdieu (2002) apenas o acesso não é o suficiente para suprir as desigualdades entre estes diferentes grupos. Para além deste acesso, o aluno se depara com situações que o mesmo se sente excluído, a linguagem acadêmica é um exemplo disso, são indivíduos que não estão situados com esta linguagem e culturalmente trazem consigo outra bagagem.

Almeida (2012) ressalta esta democratização no acesso ao ensino superior, e salienta o fenômeno da “exclusão dos incluídos”, tendo em vista que estes alunos ao mesmo tempo que conseguem o acesso nas IES, também passam por inúmeras dificuldades para atender as demandas e obter um sucesso acadêmico. A permanência destes alunos torna-se difícil, quando consideramos as particularidades de cada um, e por determinadas conjunturas quando não respondem a estas expectativas, cada indivíduo reage de uma maneira, grande parte acaba desistindo.

“Entende-se que a expansão foi necessária, mas não é suficiente para garantir a democratização desejada. Há que se prever mudanças estruturais e funcionais, visando garantir um processo de expansão da educação superior com qualidade e equidade social. É então essencial (re) discutir a função social da educação superior, de forma pragmática e objetivando transformações.” (ALMEIDA, 2012, p.915)

Mediante as mudanças que ocorreram no âmbito acadêmico, fica evidente que não basta apenas o acesso ao ensino superior, é necessário que estes alunos disponham de condições para concluírem os cursos nos quais ingressam. “A desigualdade de oportunidades de acesso ao ensino superior é construída de forma contínua e durante toda a história escolar dos candidatos” (ZAGO, 2006, p. 230).

Estes estudantes que partilham desta dupla jornada de trabalho, ao ingressarem em uma universidade visam um propósito, um projeto formativo ou profissional, tendo em vista que a uma expectativa colada sobre a universidade para concretização de metas futuras.

Podemos notar que a continuação dos estudos sempre é colocada em termos futuros; passar no vestibular, ingressar em uma universidade, passar em um concurso e conseguir uma estabilidade por meio do emprego. Estas metas futuras através da escola e dos estudos são evidenciadas pelos entrevistados;

“Meus planos em relação ao futuro é um concurso público, porque tipo, eu almejo muito lecionar, dá um dá uma alavancada na carreira profissional também, adquirir um mestrado, uma especialização, ou trabalhar com alguma coisa relacionada a pesquisa, porque eu gosto de estar dentro dessa questão acadêmica, está debatendo, olhando a situação das coisas e poder refletir sobre elas”. (Dereck, sexo masculino entre 19 e 25 anos).

“Eu pretendo (...) prestar concurso público para a minha área, professora no caso, e caso tenha alguma mudança na gestão que queira me recolocar no cargo de professora, algo desse tipo, por que sempre pode acontecer essas mudanças internas, mas minha pretensão futuramente é prestar concurso público para a área que estou me formando ou alguma realocação, como sou efetiva ne”. (Filó, sexo feminino entre 26 e 31 anos)
 “Meus planos no trabalho que estou hoje nada, já na carreira acadêmica é entrar no mestrado, assim que eu conseguir entrar, eu saio daqui com certeza”. (Cauby, sexo masculino entre 19 e 25 anos).

Por outro lado, mediante as entrevistas, percebemos também que, se para alguns a continuidade dos estudos é motivo para melhorias, para uma outra parcela é motivo de incerteza nos planos daqueles que trabalham por conta própria. Em outro momento talvez, porém, como objetivo principal é alavancar o seu próprio empreendimento como é observado em algumas falas;

“Sobre dar continuidade aos estudos, eu tenho sérias dúvidas se é isso que me interessa mesmo sabe, eu sempre gostei muito do ramo de empreendedorismo, e também sempre fui apaixonada pela Sociologia, então, eu pretendo terminar o curso agora e continuar estudando para concurso, para passar para ter um emprego, porque eu penso em continuar no ramo do empreendedorismo também, então para mestrado e para doutorado no momento, não é meu objetivo.” (Grey, sexo feminino entre 26 e 31 anos).

“Meus planos futuros para meu trabalho é dar continuidade a minha loja, investir mais, sair do aluguel, vir para o meu ponto físico, e só penso em crescer, não penso em desistir”. (Gertrudes, sexo feminino entre 19 e 25 anos).

“De planos em relação ao trabalho eu ainda estou muito indecisa, muito incerta. Eu penso na possibilidade de prestar um concurso público, pretendo expandir os meus serviços em Arapiraca, montar meu próprio estúdio, começar a atender de forma integral lá também, só que são coisas muito incertas ainda, preciso analisar direitinho”. (Brisa, sexo feminino entre 19 e 25 anos)

Bulgacov (2011), ao analisar o interesse do jovem brasileiro pelo empreendedorismo, destaca que estamos diante de uma geração com interesse no mercado de trabalho via empreendedorismo. De acordo com os dados, de 2001 a 2008, o jovem no mapa do empreendedorismo no Brasil encontrava-se em 12º no ranking dos países pesquisados. Ao compreender as características e condições do mesmo, esta mesma atividade por um lado pode garantir a realização e por outro a vulnerabilidade, destacando o perfil do pequeno empreendedor.

“O trabalhador por conta própria, ou o pequeno empreendedor por necessidade, “constitui o personagem-símbolo do ideário neoliberal, o qual, na apologia das vantagens que usufrui, encobre a precariedade que, em geral, o caracteriza”. O trabalho por conta própria, ou o empreendedorismo por necessidade, constitui-se, então, em “desaguadouro” do desemprego, e 78,3% destes trabalhadores não são contribuintes da previdência social (Holzman, 2006:84). Assim, pode-se inferir que a atividade empreendedora, particularmente quando decorre de uma ação realizada por necessidade de sobrevivência, é fruto dessas transformações conjunturais ocorridas nas relações de trabalho e emprego”.(HOLZMAN, 2006, p. 699 apud BULGACOV, 2011).

Até que ponto a atividade empreendedora está associada às precarizações do trabalho? Empreendem por oportunidade ou necessidade? Vale ressaltar, que esta relação entre precarização e trabalho não é restrita apenas ao considerado pequeno empreendedor, é uma

realidade de vários trabalhadores, independentemente do seu estatuto. A ausência de garantias, direitos e a qualidade no exercício de sua atividade são reflexos destas condições.

Os países considerados mais desenvolvidos apresentam as menores taxas de inserção do jovem no ramo do empreendedorismo. Fatores como este levam a compreender que o jovem brasileiro ingressa no mundo do trabalho muito cedo. Encontram nesta ocupação a única alternativa de renda e trabalho, e “empreender” mediante a estas alternativas significa se sujeitar a condições de trabalho precário. Exemplo disto, são as várias horas extras que os mesmos se sujeitam.

3.4 ESTRATÉGIAS ENTRE ESTES DOIS UNIVERSOS

Podemos sintetizar que estamos diante uma realidade condizente com a classe de herdeiros da classe de trabalhadores no ensino superior. Popularmente falando, o trabalhador que trabalha durante o dia e estuda durante a noite, normalmente chegam cansados na sala de aula e se esforçam, buscando energias e incentivos de onde não tem, para construir um futuro melhor e mais promissor que o presente. É isto que alimenta a luta diária e a conquista dos objetivos, diante das adversidades que a vida lhes impõe a partir da sua condição de classe. A necessidade de trabalhar para se manter e ajudar nas despesas familiares é uma realidade do público entrevistado. São sujeitos oriundos das classes populares.

Trabalhar torna-se uma necessidade. Para estes indivíduos, o diploma de nível superior representa oportunidades de mobilidade social. O estudante que partilha destes dois universos e ingressa no ensino superior, necessita de estratégias para se sobressair no decorrer do percurso. Isto aconteceu, com a pesquisadora que escreve esse texto. Ao longo da minha graduação, necessitei de estratégias para não ficar no “meio do caminho”, no qual, entre as condições pessoais analisadas, os fatores mais apontados pelos estudantes são: apoio/auxílio familiar e a organização das condições sociais e temporais.

3.4.1 Estratégias desenvolvidas para conciliar estudos e trabalho

a) A centralidade e importância da família

O apoio e auxílio familiar é um fator ímpar neste percurso. As atividades dos estudantes das classes populares não se restringem às escolas; ao contrário, se dividem entre o trabalho e os estudos; se dividem entre as responsabilidades domésticas em seus lares e as atividades da

academia. O esforço se torna maior quanto o recorte é observado pelo gênero. Os cuidados referentes ao lar recaem muito mais sobre as mulheres. Vale destacar que, a divisão do trabalho doméstico não é algo natural, é socialmente construído. Em uma sociedade com um *ethos* cultural fortemente alicerçado em práticas machistas e patriarcais, o exercício das atividades domésticas recai sobre a mulher. O envolvimento nas tarefas domésticas é condicionado, portanto, por fatores culturais, econômicos e institucionais. Nesse sentido, romper com esta estrutura requer a reconstrução de novas práticas, em que a figura masculina possa ter práticas e mentalidades anti-machistas. Nesse sentido,

“As estratégias que eu utilizo aqui para conciliar meu trabalho, maternidade, casa com os estudos é ter o apoio do meu marido para ajudar nos cuidados com nosso filho e os serviços de casa por que sem esse suporte, fica praticamente impossível.” (Grey, sexo feminino entre 26 a 31 anos).

“Porque apesar de trabalhar só meio período, eu não só tenho aquele serviço para fazer, eu tenho uma casa, eu tenho às vezes um irmão que eu tenho que fazer algumas coisas por ele, quando minha mãe não pode, quando o meu pai não pode, até porque os dois trabalham” (Arizona, sexo feminino entre 26 e 31 anos)

Quando há um engajamento nas atividades entre os membros familiares, através do compartilhamento das atividades nesta dupla e/ou tripla jornada de trabalho, restam “as brechas”, no decorrer do dia, para que as atividades de leitura, de escrita e de interpretação possam ser realizadas. De acordo com Ávila (2012, p. 815) “Ter que desempenhar diariamente uma tríplice jornada de trabalho não é tarefa simples. Para as mulheres que vivenciam essa realidade, a rotina diária é um corre-corre frenético para tentar dar conta de todos os segmentos de trabalho”. A tríplice jornada de trabalho lhe impõe limitações, onde as mesmas têm que desenvolver estratégias para tentar conciliar estes dois universos.

“Eu tenho um ambiente que eu posso estudar sim, mas como eu fico sempre tentando aproveitar ao máximo o lugar que eu estou no momento, e quando estou com o celular em mãos, eu já aproveito aquele espaço e tento adaptar a situação.” (Grey, sexo feminino entre 26 e 31 anos)

Esta atividade nos levam a analisar o trabalho não remunerado, o trabalho doméstico socialmente necessário, porém improdutivo. Gelinski e Pereira (2011) destacam que pelo fato de o fruto deste trabalho ser praticamente invisível, ele não é objeto de políticas públicas e a inclusão das necessidades daqueles que o realizam é quase inexistente. Nesta mesma linha, ainda ressaltam que mesmo com o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, as atividades referentes ao lar não diminuíram para as mulheres.

Vale ressaltar que o trabalho não remunerado não se restringe apenas às atividades domésticas do lar, mas, também, aos cuidados com crianças, idosos, doentes, entre outras.

Constitui-se numa gama de atividades que englobam esta definição. Não reconhecer a importância deste tipo de trabalho geram implicações. Dentre estas implicações, destacam-se a sobrecarga física e mental dos indivíduos.

Nesta mesma linha das relações no grupo familiar, destacamos as correlações de parentesco no ambiente de trabalho e como as mesmas auxiliam estes estudantes no universo da pesquisa. Percebemos, que os vínculos de parentesco se mostram de forma positiva para estes indivíduos, possibilitando uma flexibilização nos horários remunerados e, posteriormente, a possibilidade de executar as demandas da universidade;

“Eu trabalho no setor de vendas da loja de construção do meu irmão. Você pode até pensar, então, trabalha para a família, é tranquilo, mas se engana, pelo contrário, se você erra, tem uma dupla carga emocional. A remuneração também não é tão alta, então (...), e é aquela coisa, não trabalho com carteira assinada, mais um ponto que julgo ser positivo, eu tenho uma maior flexibilidade nos horários e isso me permite frequentar o Pet, sair para a universidade e participar das coisas por um tempo” (Cauby, sexo masculino entre 19 e 25 anos)

Vejamos que essa flexibilização pode ser compreendida de duas maneiras; a partir da nossa pesquisa A flexibilização nos trabalhos por conta própria onde mediante os relatos, horários fixos de trabalho torna-se inexistentes, as atividades perpassam os limites de descanso e lazer dos mesmos, caracterizando a precarização no exercício de suas atividades. Bulgacov (et. al. 2011), faz ênfase a estas novas formas de flexibilização e os retrocessos nas conquistas trabalhistas, revelando uma sequência de perdas, como a perspectiva profissional e ausência de direitos.

Em outro viés, quando estas relações de trabalho flexibilizadas estão atreladas às relações de parentesco, possibilitam certa autonomia para estes estudantes na realização de outras atividades no âmbito acadêmico, tornando-se um fator positivo para os mesmos.

b) Organizações sociais e temporais

As organizações sociais e temporais destes estudantes. Um aspecto destacado entre os estudantes investigados é sobre a forma como distribuem o tempo entre os estudos e o trabalho.

“A minha estratégia para os estudos é fazer quando dá tempo. Faço a leitura dos trabalhos porque como eu já saio 17:00 h da tarde eu tenho uma hora para me preparar para pegar o ônibus e para ir para Sumé, então eu leio o texto quando dá para ler durante o trabalho, quando não tem movimento ou na hora do almoço, às vezes não consigo por conta da rotina muito apertada, mas eu me esforço bastante para conseguir fazer as atividades e entregar no prazo. Final de semana também apesar do cansaço do trabalho e dessa rotina de ter que viajar para Sumé pra assistir aula, eu tento

otimizar os horários e fazer as atividades, nem sempre dá certo mas eu faço o que posso.” (Yang, sexo feminino entre 19 e 25 anos).

“...às vezes a noite eu tiro um tempinho, mas de fato eu pego o final de semana para ler os textos e reservar este tempinho para mim. Na universidade eu também tenho uns colegas e eu me junto muito com minha amiga e a gente discute um pouco sobre os temas dos discursões das aulas, então eu acredito que só estou conseguindo conciliar pelo fato de ser poucas disciplinas, no caso só uma, então o final de semana ele consegue sim suprir a necessidade”. (Velma, sexo feminino entre 19 e 25 anos)

“Bom, minha estratégia é utilizar do curto tempo que eu tenho, para poder fazer uma leitura, eu utilizo o tempo que eu tenho, nunca gosto de desperdiçar o tempo que eu tenho. Então, principalmente na questão do percurso daqui para Monteiro e de Monteiro para Sumé, geralmente eu gosto de ler alguma coisa em relação a uma aula passada, eu sempre vou me atualizando, ou vendo vídeo em relação a algum tema que a gente discutiu na sala, mas é basicamente isso”. (Flex, sexo masculino entre 19 e 25 anos.)

As respostas apresentam semelhanças sobre o uso do tempo nesta conciliação entre o trabalho e os estudos. Os estudantes investigados fazem uso do “tempo livre” no decorrer do dia a dia. Para isso, eles precisam abdicar do seu horário de almoço para fazer uma leitura ou mesmo fazer uso do trajeto realizado pelo ônibus escolar ou sacrificar finais de semana para a leitura.

As falas dos estudantes traduzem significativamente a realidade dos estudantes situados nas classes populares. Não diz respeito tão somente aos que foram entrevistados, mas a uma realidade que se impõe sobre uma fração de sujeitos situados em uma determinada posição social. Este é o perfil dos estudantes que, na gangorra da vida, tentam conciliar as demandas laborais com as educacionais, no caso específico as demandas da universidade.

Conforme destaca Zago, (2006 p. 235) “Há uma luta constante entre o que gostariam de fazer e o que é possível fazer, materializada em uma gama variada de situações”. Em outras palavras, o tempo para os estudantes que trabalham é algo precioso, tendo em vista que precisam prestar contas de ambas as atividades, o trabalho por suprir necessidades financeiras naquele momento e as demandas da universidade, visando melhores condições financeiras. É o presente que se impõe na realidade objetiva e o futuro, que se alimenta, a partir dessa realidade objetiva, em busca de projetos de vida que possam superar as condições sociais impostas.

Por outro lado, como destacado, o uso do tempo como uma das estratégias utilizadas, evidencia que a falta do mesmo ocasiona dificuldades para os indivíduos situados nas classes populares, gerando, por conseguinte, outros problemas:

“...eu não posso fazer recreação, se eu fizer eu tenho que voltar para estudar mesmo acabado, às vezes eu utilizo muito o período da noite, só que eu parei porque eu estava ficando doente...” (Derek, sexo masculino entre 19 e 25 anos)

“Eu confesso que está sendo bem difícil conciliar o trabalho com os estudos, visto que os dois requer o seu foco 100% em ambos, então eu trabalho o dia todo de 8:30h as

17:30h da tarde e tem dias que eu vou direto para universidade e as vezes não dá tempo nem de um banho e é bem cansativo, então tem um cansaço físico, mas tem o pior, que é o cansaço mental. Tem o esgotamento mental que eu acho pior do que o físico, então não está sendo fácil conciliar até por que é meu primeiro é meu primeiro emprego ne, e toda vida só estudei, ...” (Velma, sexo feminino entre 19 e 25 anos).

“É muito difícil, não tem final de semana, eu não tenho hora de dormir, porque eu já me desloco para a escola e quando eu chego à meia-noite, aí tem atividades para fazer, no outro dia eu tenho a loja para abrir, é muito difícil, é a maior dificuldade” (Gertrudes, sexo feminino entre 19 e 25 anos).

“O tempo e o cansaço. Realmente complicado e desanimador, deixo de fazer muitas coisas devido à faculdade e ao trabalho.” (Karev, sexo masculino entre 19 e 25 anos)

De acordo com Han (2015) no seu trabalho *Sociedade do cansaço*, faz referência a trajetória de algumas epidemias significativas que marcaram a humanidade, já que cada época possui suas enfermidades e a paisagem no século XXI é marcado por “Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB)” (HAN, 2015, p. 7). O autor faz a sua distinção a Michael Foucault sobre a sociedade disciplinar, onde estaríamos em um processo de transição entre a sociedade das micro penalidades para um novo modelo de desempenho.

Para entendermos a distinção entre estes dois modelos, Han (2015) destaca alguns processos no qual acarretaram mudanças, começando pelos anos 70, que foram o advento das novas tecnologias digitais e as mudanças no campo das comunicações. Vejamos que a referência a estes acontecimentos é para entendermos a aceleração do tempo em nossa realidade, a nossa percepção de tempo neste excesso de atividades não é a mesma. Este fato, faz ênfase ao adoecimento do homem contemporâneo, decorrente de sua relação com a economia e o trabalho, um processo que o autor chama de excesso de positividade. Este modo de vida acelerado no qual o indivíduo quer produzir mais, se destacar entre estes sujeitos, são características da sociedade do cansaço, e o tempo para o descanso fica em segundo plano, isso fica notório nas falas dos entrevistados acima. Este cansaço físico e mental afeta outras habilidades necessárias aos indivíduos.

Executar multitarefas no nosso ambiente de trabalho é uma forma de exploração no qual o próprio indivíduo não se dá conta. Na dinâmica das relações atuais, o valor do nosso trabalho é mensurado pela sua capacidade de executar várias atividades ao mesmo tempo, gerando um "indivíduo eficiente", no qual a todo momento sempre é cobrado um excesso de desempenho.

“A minha maior dificuldade eu acredito que seja a questão da carga horária, porque o dia com 24 horas se torna pouco para mim, porque eu acordo cedo, já me preparo para o trabalho, o trabalho requer muita demanda, muita dedicação, então fica bem complicado, bem complicado mesmo para você se dedicar, acredito se fosse fazer uma análise assim como exemplo, eu acho que eu me dedico 60% ao trabalho e 40% aos estudos. Mas isso eu sei que assim é, eu poderia fazer 50% e 50%, só que o trabalho requer uma demanda ainda maior, então fica bem complicado você manter esse equilíbrio.” (Bart, sexo masculino entre 19 e 25 anos).

A época da velocidade demonstra indivíduos inquietos no qual se arrastam durante o cotidiano para executar múltiplas tarefas, uma sociedade que esperam sujeitos economicamente ativos. Produzir, inovar, ser flexível entre outros aspectos, remetem esta sociedade do desempenho, na sociedade do século XXI, estes mesmos indivíduos não são mais denominados de “sujeitos da obediência”, mas sujeitos do desempenho e produção.

Mediante a estas análises, concluímos que estes estudantes trabalhadores vivenciam grandes desafios ao tentar conciliar estes dois universos, o mundo do trabalho e a vida acadêmica. Uma vez que, para superar as barreiras impostas a estes indivíduos, os mesmos almejam melhores condições de vida através de uma formação acadêmica.

4 CONSIDERAÇÕES

Vivemos momentos difíceis em amplos aspectos o temor sobre o desemprego e instabilidades principalmente em um período com perdas de direitos exorbitantes, nos quais foram cenários de lutas e resistência. Ao buscar respostas para minhas inquietações sobre a pesquisa, observei que muitos desses jovens têm a necessidade de aquisição de um trabalho remunerado antes de concluir o ensino superior e para isso precisam utilizar algumas estratégias.

Vivenciar algo novo exige dos indivíduos constantes adaptações, e no período acadêmico não é diferente. O ingresso do estudante no ensino superior, revela uma importante transição, ou seja, a passagem da adolescência para a vida adulta, uma fase que carrega tarefas importantes para a construção da sua identidade profissional.

Para tanto, este trabalho teve como objetivo pensar a trajetória de estudantes universitários que conciliam o trabalho com os estudos, identificando de que maneira os estudantes lidam com a rotina de trabalho e as responsabilidades como discentes. Ainda conferir as dificuldades e suas causas mediante a essas conciliações. A pesquisa foi delimitada em torno de uma parcela de graduandos nos cursos noturnos no CDSA-UFCG: Ciências Sociais e Gestão Pública.

Durante a realização deste trabalho, foi descrita uma pequena historicidade a respeito das concepções do trabalho em determinados períodos, tendo em vista que as relações de trabalho mudam ao longo do tempo a partir de fatores históricos, sociais e políticos.

A partir dos resultados, foi possível certificar através desta amostragem que em sua maioria há um público predominante feminino no CDSA. Ao analisarmos outras pesquisas verificamos que há uma tendência maior de mulheres nas universidades, principalmente em cursos de licenciatura.

Mediante o perfil socioeconômico dos entrevistados, observamos os dilemas enfrentados pelos mesmos a partir do momento da sua escolha na carreira profissional, onde vários *fatores* interferem nessa escolha. Principalmente quando são indivíduos provenientes das classes populares.

Nossos dados revelam que estes estudantes em sua maioria não podem contar com a ajuda financeira dos pais, uma vez que os mesmos auxiliam nas despesas familiares. Vale salientar que mesmo a instituição sendo pública, os mesmos têm gastos com transporte, alimentação, entre outros fatores. No contexto social no qual estão inseridos, trabalhar acaba tornando-se uma necessidade.

Estes fatores são reflexo das desigualdades sociais, onde devido as quais indivíduos ingressam cada vez mais cedo no mercado de trabalho, o que na maioria das vezes acarreta consequências negativas para aqueles que optam por esta conciliação entre o mundo do trabalho e o ensino superior.

Para evidenciar estas consequências, se fez necessário destacar as condições de trabalho que estes estudantes se submetem. Os dados da nossa pesquisa revelam que a maioria das atividades são informais, sem carteira assinada, ficando a margem de direitos previstos na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Um fato que chama a atenção através dos relatos é uma maior dedicação do tempo às atividades trabalhistas, enquanto os referentes a universidade ficam restritas aos denominados *tempos livres*. Assim, gera-se um desequilíbrio, sacrificando momentos de lazer com a família/amigos, gerando problemas de saúde, além do cansaço físico e mental como foi relatado nas entrevistas. É necessário um equilíbrio e disciplina entre estas atividades.

É importante salientar os motivos pelos quais estes estudantes ingressam no ensino superior, almejam futuramente através do mesmo conseguirem melhores condições de trabalho. Os estudos ainda são vistos como uma luz no fim do túnel, tornando a permanência nas instituições fundamental, apesar dos obstáculos e consequências. De fato, sabemos que um diploma não é a garantia para um emprego, mas crescemos com este discurso, para “ser alguém na vida” ou para ascender socialmente só através dos estudos, principalmente os filhos das classes populares.

O trabalhador-estudante que está na universidade dificilmente vai conseguir participar de atividades extracurriculares, como atividades de pesquisa, monitoria ou extensão, diferente do estudante. Vale salientar essa diferença, pelo fato de que o ato em "só estudar" também é um trabalho, no entanto, apesar das dificuldades, estes estudantes não abrem mão do seu emprego, especialmente se forem efetivos. Entre os vários significados do trabalho para estes sujeitos, o que ainda prevalece são as suas necessidades básicas, comida na mesa. E este processo do desempenho acadêmico está ligado a uma série de fatores, que nem sempre dependem exclusivamente do aluno, existindo outras variáveis no âmbito educacional, a exemplo das relações familiares, professor e aluno, as condições socioeconômicas, entre outros.

Vale destacar que mesmo tendo atingido os objetivos propostos pelo estudo, em conhecer como estes sujeitos entram no ensino superior, suas estratégias e anseios, e posteriormente dificuldades/consequências nesse percurso, surgiram temas que poderiam ter sido aprofundados. Um destes, é a relação que estes estudantes mantêm com programas de

apoio com psicólogos disponibilizados pela instituição¹⁵, tendo em vista que ainda há um tabu frente a estes programas, a aceitação de ajuda para organizações sociais e temporais dos estudantes. Manter uma rotina de estudos não é uma tarefa fácil, ainda mais na nossa atualidade que se mostra tão acelerada. Outra indagação, é saber como a instituição lida com estes diferentes grupos, como se dão as formas avaliativas? A relação professor e aluno?

Assim, se torna perceptível que são inúmeros os desafios vivenciados por este público pesquisado, compreender no contexto universitário o fato de que não é obra do acaso muitos estudantes que vivenciam esta dupla e tripla jornada desistirem da sua graduação.

Portanto, gostaria de ressaltar que a realização deste trabalho, me possibilitou aprofundar meus conhecimentos sobre a temática, no qual considero de grande relevância para minha formação profissional e pessoal, considerando que o objetivo central que foi analisar as estratégias dos estudantes entre os estudos e o trabalho. Diante do exposto, as análises apontam que, para além das estratégias destes estudantes, se faz necessário repensar práticas que facilitem este processo.

No que se refere ao aprendizado do discente, as relações professor e aluno ao identificar os estilos de aprendizagem podem auxiliar em possíveis adaptações, pois é através destes fatores que ao tomar conhecimento dos motivos que influenciam neste processo, metodologias de ensino e aprendizagem podem ser implementadas ou alteradas, apesar das dificuldades é possível conseguirmos avanços.

15 Núcleo de psicologia-NUPSI, PRAC-UFCG.
em: https://instagram.com/psicologia_cdsa?igshid=OGO2MjdiOTE= Acesso em 26 Jan. 2023.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek, **Sem maquiagem**: o trabalho de um milhão de revendedoras de cosméticos / Ludmila Costhek Abílio, -1. Ed. – São Paulo: Boitempo: Fapesp, 2014.

ALMEIDA, Leandro *et al.* Democratização do acesso e do sucesso no ensino superior: uma reflexão a partir das realidades de Portugal e do Brasil. Avaliação: **Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), v. 17, p. 899-920, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/8w9yQ7S7Jq4VT9dd8tPGVtG/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 01 de dezo.2022.

ÁVILA, Rebeca Contrera; PORTES, Écio Antônio. A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos. **Estudos feministas**, p. 809-832, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/S0104-026X2012000300011/23841> Acesso em: 21 nov. 2022.

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas.; TERRIBILI FILHO, Armando. Educação superior no período noturno no Brasil: políticas, intenções e omissões. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 15, p. 81-102, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/WnMFpkfPh4JXD5w7KTyrDhP/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 5 de abr.

BRASIL (**Constituição 1998**) **constituição da república federativa do Brasil**. Emenda constitucional n° 71, Brasília DF. Senado Federal 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm Acesso em: 10 de jan. 2022.

BRASIL, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas/IBGE**. Disponível em: <https://painel.ibge.gov.br/pnadc/> Acesso em: 06 de julh. 2022.

BRASIL, **Ministério da Educação, Base Nacional Comum Curricular Brasília, 2018**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 26 agost. 2022.

BRASIL, **Ministério da Educação. Plano Nacional de Educação**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm. Acesso em 10 de nov. 2021

BRASIL, **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/INEP**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-da-educacao-superior/inep-divulga-dados-do-censo-superior> Acesso em: 19 julh. 2022.

BRASIL (**Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras**). **REUNI**. 2007. Disponível em: http://reuni.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=100&Itemid=81. Acessado em: 12 de julh. 2022.

BULGACOV, Yára Lúcia M. *et al.* Jovem empreendedor no Brasil: a busca do espaço da realização ou a fuga da exclusão?. **Revista de Administração Pública**, v. 45, p. 695-720, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/WXQH6z59RmbnbHvT9vtbqcD/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 01 de julh. 2022.

CENTRO DE Desenvolvimento Sustentável Do Semiárido (CDSA) Disponível em: <https://cdsa.ufcg.edu.br/index.php/cdsa> Acesso em: 25 Nov. 2021.

CHARLOT, Bernardo. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. **Cadernos de pesquisa**, n. 97, pág. 47-63, 1996. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/803/814> Acesso em 14 de Junh. 2022.

CONCOLATTO, Claudia Picolotto; RODRIGUES, Tatiana Gassen; OLTRAMARI, Andrea Poletto. Mudanças nas relações de trabalho e o papel simbólico do trabalho na atualidade. **Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 4, n. 9, p. 340-389, 2017. Disponível em: <https://mestrado.unihorizontes.br/wp-content/uploads/2017/11/Mudan%C3%A7as-nas-rela%C3%A7%C3%B5es-de-trabalho-e-o-papel-do-simb%C3%B3lico-do-trabalho-na-atualidade-LCH.pdf> Acesso em: 26 de nov. 2022.

DUBAR, Claude, 1945-2015, **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais/ Claude Dubar**; tradução Andréa Stahel M. da Silva.- 2º ed.-São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2020.

NOGUEIRA, Maria Alice.; CATANI, Afrânio Pierre Bourdieu- **Escritos de Educação / Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (organizadores)**. 9. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2007. - (Ciências sociais da educação).

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar em Revista**, p. 17-36, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/yCrwPPNGGSBxWJCmLSPfp8r/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 28 julh.2022

FERREIRA, Suely. As políticas de expansão para educação superior dos governos do Partido dos Trabalhadores (2003-2016): inclusão e democratização?. **Educação Unisinos**, v. 23, n. 2, p. 257-272, 2019. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2177-62102019000200257&script=sci_arttext Acesso em: 01 Fev. 2023.

FERREIRA, Tatiana Amaral Sanches. A antropologia política de Pierre Clastres em Crônicas dos índios Guayaki: o que sabem os Aché, caçadores nômades do Paraguai. **Revista de Antropologia da UFSCar**, v. 3, n. 1, p. 375-383, 2011. Disponível em: <https://www.rau2.ufscar.br/index.php/rau/article/view/53/50> Acesso em 23 de fever. 2022.

FIALHO, Joaquim. **A construção da identidade social e profissional através da ação das redes de sociabilidade laboral**. 2017. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/21991/1/565-2020-1-PB.pdf> Acesso em: 05 maio. 2022.

FIOR, Camila Alves.; MARTINS, Maria José. Experiências de escolarização de jovens de camadas populares que ingressam no ensino superior. **Cadernos do Aplicação**, v. 34, n. 2, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/111286/64638> Acesso em: 25 junh, 2022.

GELINSKI, Carmen R. Ortiz G.; PEREIRA, Rosângela Saldanha. Mulher e trabalho não remunerado. **Mulher e Trabalho**, 2011, vol. 5. Disponível em: <file:///C:/Users/andre/Downloads/2714-15625-1-PB.pdf>. Acesso em: 10 de julh. 2022.

GOMES, José Vitor Lemes.; MAGALHÃES, Raul Francisco. Max Weber e a racionalidade: religião, política e ciência. **Teoria e Cultura**, v. 3, n. 1 e 2, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/andre/Downloads/12128-Texto%20do%20artigo-52206-1-10-20110518.pdf> Acesso em: 14 de nov. 2022.

LOYOLA, Paulo Ricardo Gontijo. **Valor e mais-valia**: examinando a atualidade do pensamento econômico de Marx. 2009. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3519/1/2009_Art_PRGLoyola.pdf. Acesso em: 08 dez. 2022.

LUCE, Mathias Seibel. A superexploração da força de trabalho no Brasil. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, v. 1, n. 32, 2012. Disponível em: [file:///C:/Users/andre/Downloads/05++A+superexplora%C3%A7%C3%A3o+da+for%C3%A7a+de+trabalho+no+Brasil+-+Mathias+Seibel+Luce_compressed%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/andre/Downloads/05++A+superexplora%C3%A7%C3%A3o+da+for%C3%A7a+de+trabalho+no+Brasil+-+Mathias+Seibel+Luce_compressed%20(2).pdf). Acesso em: 05 de jul. 2022.

MACHADO, Igor José de Renó. “**Sociologia hoje**: ensino médio volume único/Igor José de Renó Machado, Henrique Amorim, Celso Rocha de Barros. –2. ed.-- São Paulo: Ática, 2016.

MARTINS, Antonio Carlos Pereira. Ensino superior no Brasil: da descoberta aos dias atuais. **Acta Cirúrgica Brasileira**, v. 17, p. 04-06, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010286502002000900001&script=sci_arttext&tlng=pt Acesso em: 28 out. 2021

Menandro, Maria Cristina Smith.; Luiz Gustavo Silva Souza. "**O que é ser bom aluno? O que é parar de estudar? Representações sociais de estudantes do ensino médio.**" *Revista de Educação Pública* 19.39 (2010): 75-94. Disponível em: <file:///C:/Users/andre/Downloads/373-Texto%20do%20Artigo-389-1-10-20120828.pdf> Acesso em: 26 de junh. 2022.

MONTEIRO, José Marciano, **10 lições sobre Bourdieu** / José Marciano Monteiro. Petrópolis, RJ : Vozes, 2018 – (Coleção 10 Lições) MOREIRA, Leonardo José; GOMES, Tiago da Silva. **Determinantes do desempenho acadêmico do estudante trabalhador e do trabalhador estudante**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/14226/1/PB_COCTB_2018_2_13.pdf Acesso em: 19 de julh. 2022.

MORIN, Estelle M. Os sentidos do trabalho. **Revista de administração de empresas**, v. 41, p. 08-19, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/w9w7NvLzpqcXcjFkCZ3XVMj/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 24 de julh. 2022.

PARTIDO DOS TRABALHADORES (PT). Disponível em: <https://pt.org.br/confira-as-universidades-institutos-federais-criados-pelo-pt/>. Acesso em: 28 jan. 2023

RICOLD, Artes, A. (2016). Mulheres no ensino superior brasileiro: espaço garantido e novos desafios. **Ex Aequo, Lisboa**, 33, 149-161. Disponível em: https://exaequo.apem-estudos.org/files/2016-07/10_MULHERES_NO_ENSINO_SUPERIOR_BRASILEIRO.pdf Acesso em: 16 jul. 2022.

SAMPAIO, Helena. Evolução do ensino superior brasileiro. **São Paulo, NUPES, Documento de Trabalho**, v. 8, p. 91, 1991. Disponível em: <https://sites.usp.br/nupps/wp-content/uploads/sites/762/2020/12/dt9108.pdf> Acesso em: 28 julh.2022.

SIQUEIRA, Janes Fraga. A realidade contraditória e de sobrevivência do jovem trabalhador e estudante nas escolas estaduais de Porto Alegre/rs/Brasil. **REXE - Revista de Estudos y Experiencias en Educación**, v. 1, n. 1, p. 227-244, 2016. Disponível em: <http://www.rexe.cl/ojournal/index.php/rexe/article/viewFile/308/314> Acesso em: 25 de nove. 2022.

TRAINA- CHACON, José- Marcelo.; CALDERÓN, Adolfo- Ignacio. A expansão da educação superior privada no Brasil: do governo de FHC ao governo de Lula. **Revista iberoamericana de educación superior**, v. 6, n. 17, p. 78-100, 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2007287215000372> Acesso em: 18 de nov. 2021.

UNIÃO, Nacional dos Estudantes (UNE), **Entenda a diferença entre Sisu, Prouni e Fies**. Disponível em: <https://www.une.org.br/2013/04/entenda-a-diferenca-entre-sisu-prouni-efies/> Acesso em: 11 de nov. 2021.

UNIVERSIDADE Estadual da Paraíba, Campus IV- Monteiro (CCHE) **Centro de Ciências Humanas e Exatas**. Disponível em: <https://centros.uepb.edu.br/cche/sobre/> Acesso em: 25 nov. 2021.

VARGAS, Hustana Maria; PAULA, Maria de Fátima Costa de. A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na educação superior: desafio público a ser enfrentado. Avaliação: **Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 18, p. 459-485, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/VmmLwb3h8zbnsKVnJRJKqDz/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 19 de julh. 2022.

VASCONCELOS, Natalia Batista. Programa Nacional de Assistência Estudantil: uma análise da evolução da assistência estudantil ao longo da história da educação superior no Brasil/National Student Assistance Program: an analysis of the evolution of student assistance along the history of. **Ensino em Re-vista**, 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/andre/Downloads/admin,+Natalia+Batista+Vasconcelos1.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2022.

VILLAS BOAS, G. K. (2003). **Currículo, iniciação científica e evasão de estudantes de ciências sociais.** *Tempo social*, 15, 45-62. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/4PssvRHDGpKgv5GmN78HhQx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 de jul. 2022.

WOLECK, Aimoré. O trabalho, a ocupação e o emprego: uma perspectiva histórica. **Revista de divulgação Técnico-científica do instituto Catarinense de Pós-Graduação**, v. 1, p. 33-39, 2002. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1911865/mod_resource/content/1/trabalho%20e%20ocupa%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 10 fev. 2022.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista brasileira de educação**, v. 11, p. 226-237, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wVchYRqNFkssn9WqQbj9sSG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 de dez. 2022.

APÊNDICE

Apêndice A- ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO

- 1) Qual o seu nome, quantos anos você tem e qual seu endereço? (*Outras informações gerais que identifiquem o perfil do entrevistado*)
- 2) Nos fale um pouco de sua trajetória.
- 3) Como era sua relação com a escola? Acompanhava os assuntos, sentia dificuldade na escola?
- 4) Você se considerava um bom estudante? Por que?
- 5) Você gostaria de dar continuidade aos seus estudos (mestrado ou doutorado)?
- 6) Em que você trabalha? Você trabalha de carteira assinada? (*Em caso de resposta negativa, da segunda pergunta*) Por qual motivo você não tem sua carteira assinada?
- 7) Você faz hora extra? Como é sua jornada de trabalho? (Quais os dias, quais as horas que você começa...)
- 8) Quais os seus planos futuros em relação ao trabalho?
- 9) Quais as estratégias que você utiliza para conciliar o trabalho com os estudos? Qual foi sua maior dificuldade neste percurso?
- 10) Você tem um ambiente específico para realizar leituras e estudos? Em caso de sim. Quanto tempo você reserva para os estudos?

Apêndice B – QUESTIONÁRIO

PESQUISA SOBRE O PERFIL DOS ENTREVISTADO

1.GÊNERO	2.IDADE	3.LOCAL DE MORADIA	4.ESTADO CIVIL	5.ETNIA	
<input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	_____ anos	<input type="checkbox"/> Zona rural <input type="checkbox"/> Zona urbana	<input type="checkbox"/> Solteiro <input type="checkbox"/> Casado <input type="checkbox"/> Divorciado <input type="checkbox"/> Viúvo <input type="checkbox"/> Desquitado <input type="checkbox"/> Outro	<input type="checkbox"/> Branco <input type="checkbox"/> Negro <input type="checkbox"/> Pardo <input type="checkbox"/> Índio <input type="checkbox"/> Outro: _____	
6. Quantas pessoas, incluindo com você, mora (m) na mesma casa que você?			7. Somando todos os salários de sua família, quanto é o total (sem descontos ou despesas)?		
<input type="checkbox"/> 02 Pessoas <input type="checkbox"/> 03 Pessoas <input type="checkbox"/> 04 Pessoas <input type="checkbox"/> 05 Pessoas <input type="checkbox"/> 06 Pessoas <input type="checkbox"/> Mais: _____			<input type="checkbox"/> Menos de 1 Salário Mínimo <input type="checkbox"/> 01 salário mínimo (R\$ 880,00) <input type="checkbox"/> 01 salário mínimo e meio <input type="checkbox"/> 02 salários mínimos <input type="checkbox"/> 03 salários mínimos <input type="checkbox"/> Mais de 3 salários mínimos <input type="checkbox"/> Outros valores: _____		
8. Qual o nível de instrução de seu pai?			9. Qual o nível de instrução de sua mãe?		
<input type="checkbox"/> Não alfabetizado <input type="checkbox"/> Lê e escreve, mas nunca foi na escola <input type="checkbox"/> Fundamental incompleto <input type="checkbox"/> Fundamental completo <input type="checkbox"/> Médio incompleto <input type="checkbox"/> Médio completo <input type="checkbox"/> Cursando ensino superior <input type="checkbox"/> Ensino superior <input type="checkbox"/> Outros: _____			<input type="checkbox"/> Não alfabetizado <input type="checkbox"/> Lê e escreve, mas nunca foi na escola <input type="checkbox"/> Fundamental incompleto <input type="checkbox"/> Fundamental completo <input type="checkbox"/> Médio incompleto <input type="checkbox"/> Médio completo <input type="checkbox"/> Cursando ensino superior <input type="checkbox"/> Ensino superior <input type="checkbox"/> Outros: _____		
10. Qual o (a) principal responsável pelo sustento da família?			11. Você tem parentesco com o patrão? Se há, qual?		

<input type="checkbox"/> Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/> Pai e Mãe <input type="checkbox"/> Você próprio <input type="checkbox"/> Parente <input type="checkbox"/> Outros: _____	<input type="checkbox"/> Não sou parente do meu patrão <input type="checkbox"/> Filho (a) <input type="checkbox"/> Primo (a) <input type="checkbox"/> Tio (a) <input type="checkbox"/> Sobrinho (a) <input type="checkbox"/> Marido (esposa) <input type="checkbox"/> Outros: _____
---	---

12. Você costuma fazer hora extra no trabalho?	13. Se você respondeu “sim” na questão anterior, agora responda: Quanto tempo você trabalha por dia de hora extra?
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Até 1 hora <input type="checkbox"/> Até 2 horas <input type="checkbox"/> Até 3 horas <input type="checkbox"/> Até 4 horas <input type="checkbox"/> Até 5 horas <input type="checkbox"/> até 6 horas <input type="checkbox"/> Outros: _____
14. Você costuma trabalhar sábados, domingos e feriados	
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	